

Antonio Carlos Figueiredo Costa - Organizador

# PARA SEMPRE

*Paulo Freire*



ESCOLA  
CIDADÃ  
EDITORA

# PARA SEMPRE *Paulo Freire*

“A importância de Paulo Freire para a Educação – e não falo aqui somente em termos do Brasil – é imensa, poderíamos dizer de proporções planetárias. É inegável que vivemos momentos extremamente difíceis, onde muitas vezes nos parece que tudo poderá ser negado e perdido, e os próprios marcos regulatórios erguidos com muito custo pela tradição ocidental ameaçam ser desabados dentro das nossas fronteiras nacionais. Uma obscura onda negacionista encontrou na desinformação de tantos o ‘meio de cultura’ para expandir-se, alimentada pelas falhas de caráter de indivíduos que resolveram fazer da mentira sistemática uma forma de fazer política, e que atuam diuturnamente nos espaços de determinação do poder, físicos e virtuais, para denegar, tanto o pensamento lógico e racional, mas também para se voltar contra os alicerces civilizatórios que transitam pelo próprio Estado de Direito, em ataques à liberdade de imprensa e ao judiciário, em acusações nunca comprovadas, que orbitam pelo recorrente e neurótico tema da Teoria da Conspiração. Em nosso país, a ferocidade destes ataques elegeu alguns alvos preferenciais: Darcy Ribeiro, Karl Marx, Antonio Gramsci, e – obviamente em virtude do ambiente de putrefação intelectual no culto à ignorância que tentam instaurar – Paulo Freire.”

Prof. Dr. Antonio Carlos Figueiredo Costa

**Organizador**

Antonio Carlos Figueiredo Costa - Organizador

# PARA SEMPRE

*Paulo Freire*



Antonio Carlos Figueiredo Costa - Organizador

# PARA SEMPRE

*Paulo Freire*



ESCOLA  
CIDADÃ  
EDITORA

2021

## PARA SEMPRE PAULO FREIRE.

2021, Editora Escola Cidadã, Contagem, Minas Gerais.

**Editora Responsável:** Fabíola de Almeida Guedes.

**Capa:** Guilherme Costa Aguiar.

**Projeto gráfico, diagramação e revisão:** Equipe Escola Cidadã.

**Conselho Editorial:** Me. Aciomar Fernandes de Oliveira (UEMG); Dr. Ademilson de Sousa Soares (UFMG); Me. Alfredo Carnevalli Motta (FVH); Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Clementino Jesus e Silva (UEMG); Dr. Antônio Carlos Figueiredo Costa (UEMG); Dr. Eduardo Henrique de Matos Lima (UFSJ); Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos (UFOP); Dr<sup>a</sup>. Juliana de Fátima Souza (UFMG); Dr<sup>a</sup>. Márcia Dárquia Nogueira da Silva (UFMG); Dr<sup>a</sup>. Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa (UFVJM); Me. Otavio Henrique Ferreira da Silva (UFMG); Dr<sup>a</sup>. Patrícia Maria Caetano de Araújo (UEMG); Dr. Pedro Luiz Teixeira de Camargo (IFMG); Me. Renato Cassim Nunes (PUC Minas); Dr. Ridalvo Felix de Araújo (UFMG); Dr. Sandro Vinicius Sales dos Santos (UFVJM); Me. Thatiane Santos Ruas (UEMG); Dr. Walesson Gomes Da Silva (UEMG); Dr<sup>a</sup>. Walkiria França Vieira e Teixeira (UEMG); Dr. Webert Júnio Araújo (UFMG); Dr<sup>a</sup>. Welessandra Aparecida Benfica (UEMG).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C837p Costa, Antonio Carlos Figueiredo. (Organizador).

PARA SEMPRE PAULO FREIRE / Antonio Carlos Figueiredo Costa, et al. (org.). 1. ed. Contagem, MG/Brasil: Editora Escola Cidadã, 2021.

Copyright © [2021] by Autores.

276 p.; 15x21cm.

ISBN: 978-65-88478-17-2

1. Educação Popular. 2. Paulo Freire. 3. Transformação Social. I. Título.

CDD: 370

---

A responsabilidade pelo conteúdo desta obra é exclusivamente das(os) autoras(es).



Ideias transformadoras e inclusão social  
Tel.: 31 97140-0336/E-mail: editoriaec@gmail.com  
Site: www.editoraescolacidada.com.br  
Facebook.com/editoraescolacidada  
Instagram @editoriaec

COSTA, Antonio Carlos Figueiredo (Org). Para Sempre Paulo Freire, e-book 1. ed. Contagem, MG, Brasil: Editora Escola Cidadã, 2021.

Disponível em <<https://bit.ly/3idAR4K>>. Acesso em 12 out. 2021.

## SUMÁRIO

PRÓLOGO - PARA SEMPRE PAULO FREIRE, "SEMPRE" Ana Maria Araújo Freire.....	07
APRESENTAÇÃO Walesson Gomes da Silva.....	11
CAPÍTULO 1 - LEITURAS DO MUNDO POR VEREDAS E TEMPORALIDADES COM PAULO FREIRE Marcio D'Olne Campos .....	17
CAPÍTULO 2 - PAULO FREIRE E O PROGRAMA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO: POPULISMO E CULTURA POPULAR EM UMA ERA DE NACIONAL DESENVOLVIMENTISMO Antonio Carlos Figueiredo Costa .....	120
CAPÍTULO 3 - <i>BILDUNG</i> COMO <i>PRÁXIS</i> PARA A LIBERDADE: ANÁLISE DA OBRA <i>PEDAGOGIA DO OPRIMIDO</i> DE PAULO FREIRE Karina Augusta Limonta Vieira .....	151
CAPÍTULO 4 - CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) Ana Paula Ferreira Pedroso .....	185

CAPÍTULO 5 - PAULO FREIRE: SOBRE CRIANÇA, REVOLUÇÃO E  
EDUCAÇÃO INFANTIL

Otavio Henrique Ferreira da Silva ..... 209

CAPÍTULO 6 - TEATRO DO OPRIMIDO NA PERSPECTIVA DA  
EDUCAÇÃO SOCIAL

Dimir Viana ..... 233

POSFÁCIO - POR QUE '*PARA SEMPRE PAULO FREIRE*'?

Antonio Carlos Figueiredo Costa ..... 265

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS) ..... 269

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL ..... 273

## PRÓLOGO

### PARA SEMPRE PAULO FREIRE, “SEMPRE”

Conhecendo o objeto foco de estudo deste livro, Paulo Freire, na verdade desde os meus cinco anos de idade, preciso discernir no meu dizer uma certa ambiguidade intrínseca à esta minha tarefa. Ela vem da necessidade de distinguir radicalmente, que o objeto só o é sob o ponto de vista gnosiológico. Sob o ponto de vista antropológico Paulo é o sujeito que lutou, destemidamente, pela identificação como sujeitos da história de todos e de todas os seres humanos. Que só nesta condição de sujeitos os homens e as mulheres adquirem a natureza ontológica, o que *os* e *as* registram como *existência humana*.

Os seis capítulos que compõem este livro têm uma característica que o enriquece sobremaneira. Cada um deles faz uma abordagem diferente diante da riqueza que a teoria do conhecimento de Paulo Freire possibilita.

O primeiro, de Marcio D`Olne Campos faz uma preciosa narrativa da vida/práxis de Paulo, envolvida com a sua própria práxis e compreensão do mundo crítica. Marcaram seus *pontos de encontro* de leitura de mundo semelhantes, escrevendo alguns textos em parceria. Foram diletos amigos, me levando a reboque nessa relação de querer bem. Marcio foi assessor para assuntos das ciências na gestão de Paulo na SMED/SP, quando ele concebeu o conceito de SULEar em oposição a NORTEar.

No segundo capítulo, Antônio Carlos Figueiredo Costa, trabalha com a Educação Popular, Populismo, Cultura, Plano [Programa] Nacional de Alfabetização e as ideias de Paulo Freire sobre estas categorias, relacionando-as como uma unidade para a ação militante. O autor fez uma análise cuidadosa do Populismo, demonstrando o clima de ambiguidade que caracterizou os primeiros anos da década de 1960, antes do Golpe civil militar de 1964, que levou o Brasil ao retrocesso em vários aspectos do desenvolvimento nacional, inclusive com a evasão de muitos cérebros que lideravam a pesquisa de ponta, em diversos campos do saber, no nosso país.

O terceiro capítulo, de Karina Augusta Limonta Vieira, é um texto de uma delicadeza feminina que nos encanta. Sua linguagem e sua forma de dizer não nos engana: é de uma pessoa de tradição brasileira com grandes pitadas da cultura erudita germânicas. Ela trata do conceito alemão *bildung* em sua analogia com os conceitos freireanos. Buscando as raízes da palavra *bildung* na Antiguidade, a entende como tendo o mesmo significado da Paidéia, significando os dois vocábulos a formação humana. Afirma, como Paulo, que a essência do diálogo é a palavra.

O quarto capítulo de Ana Paula Ferreira Pedroso, é um texto rigoroso, bonito e com informações importantes sobre os requisitos para um professor ou professora lecionar no curso de formação dos docentes que se destinam ao ensino dos adolescentes e adultos que não cursaram a escola na idade adequada. Trata-se, portanto, da formação dos professores do EJA, que tem em Paulo Freire um dos seus fundamentais

mentores, desde que foi ele uma das pessoas que, cuidando da educação popular, se preocupou sobremaneira com o alto índice do analfabetismo brasileiro, desde os anos 1950, e as possibilidades de sua solução.

O quinto capítulo de Otávio Henrique Ferreira da Silva tem uma abordagem interessante e inédita: a educação revolucionária da criança pode garantir um comportamento rebelde, não acomodado quando esta se tornar um adulto. Estuda um pouco a vida de Paulo criança e assegura, que foi a liberdade e a troca de ideias libertárias dele com seus pais que fez de Paulo um educador, um teórico, um homem de uma virtude revolucionária essencial ao mundo no qual vivemos, voltada para a transformação social-educativo-político-ético-estético.

O sexto e último capítulo é de autoria de Dimir Viana e se ocupa em discutir o Teatro do Oprimido de Augusto Boal com a teoria do conhecimento de Paulo Freire, desde que aquele buscou seus fundamentos nesta teoria. Discute as formas de educação e classifica o Teatro do Oprimido como de educação social. É um texto competente que expõe a necessidade da disseminação muito maior do que a que existe no sentido da conscientização política das camadas subalternas. Não é uma escola, no sentido rigoroso, mas uma forma mais dinâmica e participativa de quem, no início, era apenas expectador. Pode suscitar a vontade de conhecer mais, de conhecer o conteúdo escolar.

Convido as e aos que são freireanos e os que da teoria de Paulo Freire querem se aproximar, a começar sem mais delongas, a usufruir dos conhecimentos contidos nestes seis artigos.

São Paulo, noite do domingo de 10 de janeiro de 2021.

Nita.

Ana Maria Araújo Freire.

## APRESENTAÇÃO

Caras leitoras e Caros leitores, a obra que se encontra em suas mãos, idealizada e organizada pelo Professor Doutor Antonio Carlos Figueiredo Costa, docente da Universidade do Estado de Minas Gerais, coloca em evidência o legado da maior referência em educação deste país, o educador Paulo Reglus Neves Freire, o “nosso” Freire.

É sabido por todos e todas, mas por ser motivo de muito orgulho para nós brasileiros e brasileiras, vale colocar em relevo que este recifense, nascido em 19 de setembro de 1921, é Patrono da Educação Brasileira, considerado um dos maiores pensadores da contemporaneidade, um dos cinco mais notáveis e citados da história mundial. Paulo Freire é considerado o criador do movimento denominado pedagogia crítica.

Contando seis capítulos, o livro, que ora apresentamos, descreve pesquisas realizadas por relevantes pesquisadores brasileiros, todas elas atravessadas pela influência do pensamento freiriano, ou mesmo dizendo de seu legado enquanto educador. O primeiro capítulo, intitulado *Leituras do mundo por veredas e temporalidades com Paulo Freire* foi escrito pelo notório professor, físico e pesquisador da UNICAMP, Márcio D’Olne Campos, a pessoa que “cria” o termo *sulear*, estampado pela primeira vez em 1991, no texto “A Arte de *sulear-se*”, e que a partir daí passou a ser muito usado pelo educador Paulo Freire. No capítulo, escrito em primeira

pessoa, o autor narra, carregado de emocionalidade, a trajetória de Freire.

O segundo capítulo, intitulado *Paulo Freire e o Programa Nacional de alfabetização: populismo e cultura popular em uma era de nacional desenvolvimentismo*, de autoria do professor e pesquisador da UEMG, Antonio Carlos Figueiredo Costa, intenta abordar o contexto que tornou possível a recepção governamental e de alguns setores da sociedade às ideias educacionais de Paulo Freire. Como bem disse o autor, “*um momento privilegiado de encontro entre o populismo e a cultura popular*”. Apresenta contribuições quanto à participação de Freire nas lutas sociais daquela época, assim, como, a inserção do Programa Nacional de Alfabetização em uma era de efervescência das reivindicações populares acerca da cultura e da educação. Apresenta ainda os desdobramentos de março de 1964, o que ocasionou um retrocesso em conquistas sociais e democráticas do país.

O terceiro capítulo, intitulado *Bildung como Práxis para a Liberdade: análise da obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire* de autoria de Karina Augusta Limonta Vieira, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais e pesquisadora associada da Universidade Livre de Berlim na área de Antropologia da Educação. A autora faz uso do conceito alemão de *Bildung*, para analisar a obra *Pedagogia do Oprimido*. Para falar um pouco deste capítulo, faz-se necessário apresentar o conceito de *Bildung*, a partir de Antoine Berman, que coloca em relevo sua dimensão pedagógica:

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, "cultura" e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação *Ausbildung* desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de "formação" de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como *processo*. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se (BERMAN. *Bildung et Bildungsroman*, p. 142).

Para a autora, na obra de Paulo Freire analisada, a *Bildung* pode ser entendida como práxis educativa no processo de aquisição de conhecimento que levam o indivíduo da condição de assujeitado para a condição de sujeito, modificando sua relação com o mundo que o cerca, lhe proporcionando libertação.

No quarto capítulo, intitulado *Contribuições de Paulo Freire para a formação docente no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, encontramos o texto alinhado pela professora e pesquisadora em EJA, Ana Paula Ferreira Pedroso. A autora, já no primeiro parágrafo de seu capítulo, diz sua contribuição é fruto de reflexões enquanto pesquisadora, e busca contribuir

para com a formação docente, apresentando questões que dizem muito de sua atuação investigativa no campo da EJA. Ressalta que comunga do pensamento freiriano de que “*somos seres humanos incompletos, conscientes de nosso Inacabamento*”. A argumentação sobre a formação docente, práticas pedagógicas e currículo na EJA. A pesquisadora manifesta que o texto, ora apresentado, tem por objetivo incitar a reflexão a respeito de princípios valorosos defendidos por Paulo Freire, considerados indispensáveis ao processo educativo.

Por sua vez, o quinto capítulo, *Paulo Freire: sobre Criança, Revolução e Educação Infantil*, vem assinado pelo professor Otávio Henrique Ferreira da Silva, docente da Universidade do Estado de Minas Gerais. O autor nos brinda com um relevante texto, trazendo discussão significativa, nas suas próprias palavras, “*...necessárias à sociedade e educação contemporâneas*”. Sua produção textual é balizada por três questões, a saber: a) como a infância de Paulo Freire irá influenciar a construção de seu legado pedagógico; b) a importância de incentivar as crianças a fazerem perguntas sobre a vida e o mundo; c) os desafios para descolonizar a educação infantil no Brasil e assim educar cidadãos, desde a tenra idade, engajados na construção de uma sociedade mais fraterna e feliz. No texto, Otávio Henrique procurou destacar a importância dos estudos de Paulo Freire, também para a educação infantil.

O sexto e último capítulo, *Teatro do Oprimido na perspectiva da Educação Social*, foi escrito por Dimir Viana. Pedagogo social, ator, diretor teatral e pesquisador em

Educação pelas Universidades de Bolonha (Itália) e UNICAMP (Brasil). O autor nos oferece um texto de fundamental importância, aliando educação com arte, através de obras de dois renomados brasileiros, que com suas pesquisas, nos agraciam com importantes obras. São eles: Augusto Boal e Paulo Freire. Boal, artista do teatro brasileiro, conceituado em todo mundo, Paulo Freire como já dito nesta apresentação, pensador contemporâneo de reconhecimento planetário em sua atuação no campo da educação. Dimir, em sua investigação acadêmica, versa sobre o método do Teatro do Oprimido e sua potência em ações comunitárias no interior do estado de Minas Gerais; trabalhando com o que tem de mais bonito nas equações da educação, a educação social como instrumento de fortalecimento de um povo, oprimido. Com sua narrativa, Dimir Viana deixa visível o entrelaçamento entre o pensamento freiriano e boalriano, onde ambos trabalham para a emancipação dos indivíduos, homens e mulheres assujeitados pela sociedade capitalista. Sua produção destaca a valorização da historicidade das pessoas periféricas, como diz o próprio autor, *“Teatro político e educação social são, portanto, a tônica deste trabalho”*.

O leitor e a leitora interessados em conhecer um pouco mais do legado de Paulo Freire, encontrará na presente obra, explicação frondosa e análises significativas e quiçá proveitosas, haja vista a qualidade dessa coletânea de textos. Esperamos com esse livro recheado de pesquisas e experiências documentadas por importantes pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, motivar outros/as professores/as e pesquisadores/as, fomentando novas investigações

acadêmicas inspiradas pelo pensamento freiriano, afim de que também contribuam para uma educação decolonial, de qualidade e que possibilite a inclusão de todas as pessoas.

Desejamos a todas e todos leitores, uma ótima leitura!

Belo Horizonte, 20 de janeiro de 2021.

Prof. Dr. Walesson Gomes da Silva.

## CAPÍTULO 1

# LEITURAS DO MUNDO POR VEREDAS E TEMPORALIDADES COM PAULO FREIRE

Marcio D'Olne Campos

Na saudade de Luiz Alberto Gómez de Souza, amigo com quem tive diálogos muito importantes na elaboração desse artigo.

In memorian.

### 1. INTRODUÇÃO - DA ADMIRAÇÃO CONSTANTE À AMIZADE PRESENTE

... é impossível conceber a alfabetização como leitura da palavra sem admitir que ela é necessariamente precedida de uma leitura do mundo.

Paulo Freire.

Nos primeiros anos sessenta – por oposição aos anos da ditadura militar que se instaurou a partir do Golpe Militar de 1964 - convivíamos na PUC-RJ um grupo de estudantes de áreas diversas do conhecimento, atuando politicamente em movimentos, grupos sociais e alas jovens de partidos políticos que existiam antes do Golpe de 1964. Nessa ocasião, Paulo Freire, na educação, e Miguel Arraes, no governo e na política, eram nossos denominadores comuns. Ambos deixaram ao

nosso grupo e a mim um importante lastro de intelectualidade e consciência sociopolítica.

No texto que se segue, usarei a primeira pessoa, evocando memórias, exemplos e inspirações de Paulo Freire. Essas foram configuradas à distância no Rio de Janeiro a partir dos primeiros anos sessenta, e mais tarde, dos anos 1980 em diante, a partir da UNICAMP pós-anistia, já em presença de Paulo Freire, com quem consolidamos forte amizade e colaboração após sua volta do exílio.

## **2. PAULO FEIRE DE LONGE, MAS JÁ PRESENTE: OS PRIMEIROS ANOS 60**

O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, super-estruturais ou inter-estruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação. Um método pedagógico de conscientização alcança últimas fronteiras do humano. E como o homem sempre se excede, o método também o acompanha. É "a educação como prática da liberdade".

Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem sequer têm condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais, é um difícil, mas imprescindível aprendizado - é a "pedagogia do oprimido" (Santiago, Chile, dezembro de 1967, Ernani Maria Fiori<sup>1</sup> - Introdução à *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire).

Paulo Freire paira hoje na vida espiritual, educacional e socio-politicamente ativa de todos aqueles que se dedicam a educar em todos os sentidos, educação essa que não ocorre somente intramuros escolares. Reafirma-se fora das salas de aula nos quatro cantos do mundo, em luta contra desigualdades, assim como no respeito a diferenças entre sociedades, culturas e pessoas diante de qualquer escolha pessoal e social.

Evocações a partir deste querido ilustre e saudoso personagem, Paulo Freire, me levam até as efervescências do

---

<sup>1</sup> Selecionei esse trecho, pungente e de arrepiar, de Ernani Maria Fiori, que me foi apontado por Luiz Alberto Gómez de Souza a quem agradeço e que me escreveu: "Na elaboração da *Pedagogia do Oprimido* foi grande a influência de Ernani Maria Fiori, que fez a introdução da edição brasileira. Paulo mais tarde indicou uma observação minha: "embate da intuição fulgurante posta à prova pela lógica rigorosa". Tive a alegria de participar das reflexões de Paulo e Fiori, meu mestre desde Porto Alegre. Trato no retrato de Fiori: p. 363." Ou seja, no capítulo 2.3 (SOUZA, 2015, p. 349-369).

início da década de 1960 no Rio de Janeiro, quando, aos 17 anos, iniciei meu bacharelado em física na PUC-RJ.

É difícil se representar os “primeiros anos 60”, diante dos “escuras anos 60” inaugurados pelo golpe militar de 1º de abril de 1964, ao qual se sucederam os 21 anos de ditadura no Brasil. Os anos 60 trouxeram ambivalências que, sedimentadas em nossos sentimentos, tornaram difícil confrontar a dureza final da ditadura diante da efervescência criativa de ideias, artes e engajamento sociopolítico que pairava nos “primeiros anos 60”.

Essa magnífica efervescência, entre muitas coisas, pessoas e eventos gerou saudades e felizes lembranças: Cinema Novo<sup>2</sup> (Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Glauber Rocha, Ruy Guerra, ...), Bossa Nova (Tom Jobim, Vinicius de Moraes, João Gilberto), Show Opinião (Nara, Bethânia, Zé Keti e João do Vale), Centro Popular de Cultura (CPC da União Nacional de

---

<sup>2</sup> Cacá Diegues ingressou "na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde fez o curso de Direito. Como presidente do Diretório Estudantil, fundou um cineclube, iniciando suas atividades de cineasta amador com David Neves e Arnaldo Jabor, entre outros. Ainda estudante, dirigiu o jornal O Metropolitano, órgão oficial da União Metropolitana de Estudantes e juntou-se ao Centro Popular de Cultura, ligado à União Nacional dos Estudantes [UNE]. O grupo da PUC e o de O Metropolitano tornaram-se, a partir do final da década de 1950, um dos núcleos de fundação do Cinema Novo do qual Diegues é um dos líderes juntamente com Glauber Rocha, Leon Hirszman, Paulo Cesar Saraceni e Joaquim Pedro de Andrade. Em 1961, em colaboração com David Neves e Affonso Beato, realiza o curta-metragem Domingo, um dos filmes pioneiros do movimento." (...)

“Em 1969, após a promulgação do AI-5, Diegues deixa o Brasil, vivendo primeiro na Itália e depois na França, com sua esposa, a cantora Nara Leão.” Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cac%C3%A1\\_Diegues](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cac%C3%A1_Diegues)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

Estudantes – UNE): Sergio Ricardo, Carlos Lyra, Chico de Assis, Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha), *Revista Senhor*<sup>3</sup> (a primeira e melhor fase das quatro que existiram independentemente), Teatro do Oprimido de Augusto Boal, Mario Pedrosa, Lygia Clark, Helio Oiticica, Editora do Autor (Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Vinícius de Moraes, Carlinhos de Oliveira), Editora Civilização Brasileira (Ênio Silveira), ...

No início de 1961 uma significativa corrente de esquerda da JUC (Juventude Universitária Católica) se consolidava no Rio de Janeiro e em outros estados, como Minas Gerais e Bahia. Aí fortaleceu-se o nosso grupo da PUC-RJ que teria um papel importante na eleição de Aldo Arantes<sup>4</sup> para a presidência da UNE (1961-1962) e na criação da Ação Popular (AP) em junho de 1962. Em julho de 1961 eu estive em plena atividade no “conchavão” do Estádio Caio Martins em Niterói que resultou na gloriosa eleição de Aldo Arantes. Nessa época, Aldo estudava direito na PUC-RJ. Foi casado com Maria Auxiliadora “Dodora” de Almeida Cunha Arantes, psicóloga, também da

---

<sup>3</sup> Na gloriosa 1ª fase (1959-1964), para montar a revista, o jornalista Nahum Sirotsky atraiu nomes de porte como, por exemplo, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. A jornalista Marília Scalzo, autora de *Jornalismo de revista* (São Paulo: Contexto, 2003), considera que *Senhor* foi “uma das mais bem sucedidas experiências em revista no Brasil”. As três outras fases não mantiveram o mesmo nível da inicial: 2ª. 1971-1972 / 3ª. 1978-1979 - *Senhor Vogue* / 4ª. 1978-1992 - *ISTO É Senhor*. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Senhor\\_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Senhor_(revista))>. Acesso em 8 de fevereiro de 2020. Ver o livro ‘*Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira*’ de Eliane Fátima Corti Basso (2008).

<sup>4</sup> Aldo Arantes - Disponível em <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/aldo\\_arantes](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/aldo_arantes)>. Acesso em 7 de fevereiro de 2020.

PUC-RJ e da JUC. Me lembro bem da presença e intensa atuação política dos dois naqueles bons tempos de PUC.

Em 17 de abril de 1961 houve a tentativa de invasão de Cuba pela Baía dos Porcos por anticomunistas. Foi quando Arantes emitiu uma nota do DCE em solidariedade ao povo cubano, o que gerou descontentamentos por parte da direita católica que parece ter tramado uma cadeia conservadora, que chegou até ao Vaticano, para favorecer a expulsão de Aldo da JUC (ARANTES, 2013, p. 52-61). Essas ações receberam o apoio do cardeal marcadamente conservador do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara. O diretório da Faculdade de Direito reagiu contra a nota do DCE, embora com pouca repercussão. Nisso, o DCE, em contrarreação organizou uma Semana Social, entre 20 e 25 de março de 1961, e em seguida lançou o 'Manifesto do DCE da PUC Rio', cujas bases filosóficas tinham apoio do Pe. Vaz que fundamentava o engajamento político dos cristãos.

Em 25 de agosto Jânio Quadros renunciou, disparando graves e numerosas crises durante esse período anterior ao golpe de 1964.

Nessa época - após pressões da direita política, empresarial e militar - finalmente tomou posse o Presidente João "Jango" Goulart, em setembro de 1961. Ao longo do pouco tempo do mandato a ele "concedido", procurou empreender as Reformas de Base<sup>5</sup> - principal bandeira política de seu governo. De fundo progressista, suas reformas visavam os setores educacional,

---

<sup>5</sup> Reformas de Base – Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Reformas\\_de\\_base](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reformas_de_base)>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

fiscal, político, administrativo, urbano e agrário. Esta última destacava a possibilidade de distribuir terras entre os trabalhadores rurais de modo mais equitativo e merecido.

A Reforma educacional visava à valorização do magistério e do ensino público em todos os níveis e o combate ao analfabetismo com a multiplicação nacional das pioneiras experiências do Método Paulo Freire. O governo também se propunha a realizar uma reforma universitária, com abolição da cátedra vitalícia.<sup>6</sup>

Além disso, a educação estendeu-se a vários setores como: à escola, à universidade e fora das salas de aula. Democrática, ela visava a todas as camadas socioculturais e etárias de todos os rincões desse país, como bem o ressalta Nita Freire, comentando o engajamento de Paulo:

Nesse clima de dúvidas, ambiguidades e medos, de pouca ou nenhuma certeza, Paulo foi tomando espaço com ousadia, com valentia e tenacidade, acreditando nas pessoas, nos sonhos democráticos, num Brasil melhor com a participação das camadas populares (Freire, 2006, p. 128).

Toda essa tenacidade à qual se refere Nita sempre existiu, mas teve seus momentos mais significativos depois que Miguel

---

<sup>6</sup> Ver mais sobre educação nas Reformas de Base em duas publicações do CPDOC, respectivamente: 1) 'Desafios e rumos da política educacional' e 2) 'O sentido político da educação de Jango'. Disponíveis em <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Desafios\\_e\\_rumos\\_da\\_politica\\_educacional](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Desafios_e_rumos_da_politica_educacional)> e <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O\\_sentido\\_politico\\_da\\_educacao\\_de\\_Jango](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_sentido_politico_da_educacao_de_Jango)>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

Arraes veio a ser Prefeito do Recife, entre os janeiros de 1960 e de 1963. Já em 13 de maio de 1960, nasceu o Movimento de Cultura Popular (MCP) com intensa presença de Paulo Freire. É preciso frisar que – ao contrário do que se escreve muitas vezes – o Movimento de Educação de Base (MEB) não adotou o Método Paulo Freire<sup>7</sup>. A seguir o texto do CPDOC sobre o MCP, no qual há inconsistência na informação contida da última frase:

Em seus quase quatro anos de existência, o MCP teve uma atuação importante na área da educação. Um de seus primeiros colaboradores, o professor Paulo Freire, formulou um método próprio de alfabetização de adultos que, a partir de 1962, passou a ser regularmente aplicado em Pernambuco. Além do MCP, o Movimento de Educação de Base (MEB), programa nacional de educação instituído em 1961, adotou o método Paulo Freire, difundindo-o em todo o país.<sup>8</sup>

A sequência de acontecimentos que levaram mais tarde à criação do MCP compreende a fundação, em 1948, da Sociedade de Arte Moderna do Recife e, em 1949, a louvável

---

<sup>7</sup> Aqui há uma controvérsia esclarecida por Luiz Alberto Gómez de Souza (2015, p. 103). Souza nega que o MEB tenha usado o Método Paulo Freire: “Trata-se de um equívoco numa história de várias vertentes”. Nesse capítulo (1.8, p. 97-110) Souza trata com maestria, nesse “ano febril” que antecedeu ao golpe, de várias vertentes da cultura popular entre os meandros do poder, da religião e da sociedade.

<sup>8</sup> Movimento de Cultura Popular (MCP), CPDOC - Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-de-cultura-popular-mcp>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

sugestão do ilustre governador Barbosa Lima Sobrinho<sup>9</sup> para a criação de um espaço “que pudesse agrupar as entidades culturais existentes no Recife para formar um grande movimento cultural no sentido de democratizar o ensino e a cultura...” (HORA, 1986, p. 2). Assim, além de participar do Conselho de Direção do MCP como Diretor da Divisão de Educação, Paulo Freire passou a ter papel decisivo na coordenação do Projeto de Educação de Adultos e nos programas dos Círculos e Centros de Cultura.

A famosa e emblemática ‘experiência de Angicos’ em matéria de alfabetização teve início em janeiro de 1963. Para esta, Freire foi convidado pelo governador Aloisio Alves, que visava enfrentar o analfabetismo no Rio Grande do Norte. Após uma pequena experiência num bairro do Recife, o educador coordenou no município de Angicos a equipe do ‘Serviço de Extensão Universitária’ da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para a primeira aplicação em massa do então denominado “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”<sup>10</sup> (MPFAA). O objetivo era desenvolver/aperfeiçoar o Método, e poder utilizá-lo para um programa ousado do Governador Aluizio Alves, com financiamento da Aliança para o Progresso, via SUDENE.

---

<sup>9</sup> Perfil do Acadêmico - Disponível em. <<http://www.academia.org.br/academicos/barbosa-lima-sobrinho>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

<sup>10</sup> - Angicos 50 anos - vídeo produzido pelo MEC no cinquentenário da experiência coordenada por Paulo Freire em Angicos (RN). Disponível em <<https://youtu.be/rgcyWqpa0fc>>. Acesso em 3 fev. 2020.

- "Angicos: uma experiência política" por Paolo Vittoria (44:52). Entrevista com Marcos Guerra. Natal (RN), dez. 2005: Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Y\\_xt6ZxW7EM](https://www.youtube.com/watch?v=Y_xt6ZxW7EM)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

Claro que a intensidade com que se desenvolviam no Brasil os processos de alfabetização de adultos despertava – via tensões políticas reinantes e tudo o que significava e até hoje significa Paulo Freire – grandes temores na burguesia agroindustrial, nas classes dominantes em geral e nos militares. As contradições socioeconômicas e a presença precoce de controle da informação abriam caminhos perigosos.

Com as tensões políticas acirradas, no dia 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, aconteceu o histórico “Comício das Reformas” ou “Comício da Central”<sup>11</sup>, no espaço entre a Estação Ferroviária Central do Brasil e a Praça da República, que reuniu entre 150 e 200 mil pessoas. Foi imensa minha emoção de estar lá e - apesar das forças da direita – todos os presentes estavam contaminados por uma grande esperança. A multidão começou a chegar a partir de 15 horas e Jango, com Maria Thereza Goulart ao seu lado, só falou às 20 horas. Em seu discurso, Jango reforçou a importância dos seis pilares da Reforma de Base, enfatizando a função social da propriedade, o voto dos analfabetos e o monopólio do Estado na economia. Bem mais tarde, a Constituição de 1988 iria adotar grande parte dessas suas propostas - razão pela qual ficou consagrada como “Constituição Cidadã”, pois foi elaborada no processo de redemocratização após o final da ditadura militar no Brasil (1964–1985). Na ocasião do comício, Jango assinou dois decretos importantes.

---

<sup>11</sup> Comício das Reformas – Disponível em <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/Comicio\\_das\\_reformas](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/Comicio_das_reformas)>. Acesso em 9 de fevereiro de 2020.

O primeiro deles era simbólico e consistia na desapropriação das refinarias de petróleo que ainda não estavam nas mãos da Petrobrás. O segundo – chamado decreto da SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária) – declarava sujeitas a desapropriação as propriedades subutilizadas, especificando sua localização e suas dimensões. O presidente revelou também que estava em preparo uma reforma urbana – um espantinho para a classe média, temerosa de perder seus imóveis para os inquilinos – e propostas que deveriam ser encaminhadas ao Congresso, prevendo mudanças nos impostos e concessão de voto aos analfabetos e aos quadros inferiores das Forças Armadas.<sup>12</sup>

O Comício da Central fez com que os setores conservadores vinculassem definitivamente Jango a uma república sindicalista e ao comunismo. Dias depois, houve uma rebelião de marinheiros no Rio de Janeiro que, desta vez, atingiu diretamente a hierarquia e a disciplina militares. Para solucionar o conflito, Jango anistiou os revoltosos, o que foi visto como um claro desrespeito às Forças Armadas.

Nesse período bastante conturbado pelo temor de reformas que retirassem privilégios das classes dominantes, estas, com o apoio majoritário das três forças armadas, realizaram - ironicamente em 1º de abril de 1964 - o golpe militar que pôs fim ao governo democraticamente eleito de João Goulart. Os 21 anos seguintes foram vividos sob um governo ditatorial.

---

<sup>12</sup> Comício da Central: Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%ADcio\\_da\\_Central](https://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%ADcio_da_Central)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

### **3. MARCAS QUE PAULO FREIRE DEIXOU EM NOSSOS GRUPOS DE ATUAÇÃO NOS TEMPOS DE PUC-RJ**

Através de suas propostas de alfabetização e suas primorosas análises pedagógicas e educacionais, Paulo Freire despertou, a partir de 1963, um renovado interesse pela Educação de Jovens e Adultos (EJA). Instalaram-se então processos de alfabetização com manifesta participação do movimento Ação Popular (AP)<sup>13</sup>. A AP estava bastante presente na PUC-RJ. Faziam parte dela, sobretudo, membros da Juventude Universitária e da Juventude Estudantil Católica (JUC e JEC) não só atuantes na alfabetização, mas em inúmeras frentes, na política, nas artes e na cultura. Luiz Alberto Gómez de Souza prestigia o movimento referindo-se a AP como “uma iniciativa exemplar” (SOUZA, 2015, p. 85-96).

Alunos da PUC-RJ, associados a alguns participantes de outras universidades, deram origem a alguns encontros e cursos de formação e reflexão ideológica, orientados pelo padre jesuíta, filósofo e humanista Henrique de Lima Vaz, quase sempre presente e trabalhando em colaboração com seu aluno e assistente Raul Landim. Entre o final dos anos 1950 e início de 1960, havia no Brasil um grupo de padres muito ativos, com um pensamento de esquerda, como comenta Michael Löwy a respeito do Cristianismo da libertação na América Latina:

---

<sup>13</sup> Ação Popular (AP), verbete. Organização política de âmbito nacional (1962~1973). FGV/CPDOC Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acerv/o/dicionarios/verbetes-tematico/acao-popular-ap>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

...segundo Thomas Bruneau<sup>14</sup> [1974, 95] – autor norte-americano de uma obra bem conhecida sobre a transformação política da igreja brasileira – a Ação Católica e a JUC eram guiadas por “um grupo jovem e muito progressista de membros do clero, cuja maioria fora educada na Europa”. Esse grupo inclui figuras como o padre Henrique de Lima Vaz, o padre Luís Sena, o padre Emery (sic) Bezerra [Almery de Melo, segundo Löwy], os religiosos Carlos Josaphat e Mateus Rocha e o francês Thomas Cardonnel. Eles eram os padres mais ativos e avançados do Brasil naquele momento. Graças a eles, as linhas avançadas da teologia europeia, sobretudo francesa, ligada aos nomes de Louis Joseph Lebret, Emmanuel Mounier, M.D. Chenu, Henri de Lubac, etc., foram introduzidas no movimento (LÖWY, 2016, 234).

Entre esses clérigos progressistas, ressalto a importância que teve o dominicano Père Thomas Cardonnel (nascido Jean)<sup>15</sup>, cuja combatividade deixou muita admiração durante a rápida estada no Brasil entre 1959 e final de 1961. Eu tive a satisfação de ouvir seus brilhantes sermões e de experimentar vários momentos de convivência no convento dominicano em Montpellier (FR), cidade na qual vivi entre 1966 e 1972. “Sua voz rebelde permaneceu como uma espécie de referência. Ele defendeu os padres-operários, denunciou a tortura na Argélia, tomou consciência dos problemas do Terceiro Mundo, longe

---

<sup>14</sup> BRUNEAU, Thomas, The political transformation of the Brazilian catholic church. London: Cambridge University Press, 1974, 95 p.

<sup>15</sup> Sobre Jean Cardonnel (ou Père Thomas Cardonnel), ver <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Cardonnel](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Cardonnel)>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

dos nossos conservadorismos que se exacerbavam”<sup>16</sup> (tradução livre do autor).

No Brasil, os debates entre Frei Cardonnel e Gustavo Corção - escritor católico extremamente conservador -, expressavam visões completamente diferentes da inserção dos cristãos na política. Tal polêmica surgiu a partir da publicação do ‘Manifesto do DCE da PUC Rio’. Os três artigos de Cardonnel foram publicados em 1960 em *O Metropolitano* (encarte dominical do *Correio da Manhã*). O teor do cristianismo e da crítica do Père Cardonnel pode ser medido pelos títulos de seus três artigos: ‘Deus não é mentiroso como certa paz social’, ‘A verdade não se contempla, mas se faz’ e ‘O Deus de Jesus Cristo’ (LÖWY, 2016, 242-244; ARANTES, 2013, 91-96).

Posteriormente Herbert José de Souza (Betinho) e Luiz Alberto Gómez de Souza organizaram o livro *Cristianismo Hoje*, uma coletânea de artigos publicada pela Editora Universitária da UNE e que teve duas edições: a primeira, em 1962; a segunda, editada em 1963, teve o acréscimo de uma apresentação de Luiz Alberto Gómez de Souza (SOUZA, SOUZA, 1963).

Um aspecto de fundamental importância nas práticas freireanas, em qualquer interlocução, é o ajuste dos referenciais

---

<sup>16</sup> « Figeac. Le père dominicain Jean Cardonnel s'en est allé ». La Dépêche, 08/07/2009: (...) « Sa voix rebelle restait une sorte de référence. Lui qui avait défendu les prêtres-ouvriers, dénoncé la torture en Algérie, pris conscience des problèmes du Tiers-monde, loin de nos conservatismes qui l'exacerbaient. » Disponível em <<https://www.ladepeche.fr/article/2009/07/08/636029-figeac-le-pere-dominicain-jean-cardonnel-s-en-est-alle.html>>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

mútuos de quem dialoga, ou seja, é o ajuste do ‘lugar de fala’, próprio de cada interlocutor, que, uma vez ajustados, possibilita o diálogo (RIBEIRO, 2017). José Camilo Jr, professor da Faculdade de Educação da UNICAMP, onde conviveu com Freire, me lembra uma interessante fala de Frei Betto. No livro *Essa escola chamada Vida*, o jornalista Ricardo Kotscho entrevistou Paulo Freire e Frei Betto. Este último distingue a nossa fala – acadêmica, por exemplo - a respeito das classes populares por oposição à fala que é própria dessas classes (FREIRE; BETTO, 1998, p. 28):

Frei Betto: “O método do Paulo Freire aparece como a grande novidade. É a primeira contribuição, naquele momento, que já não quer interpretar o que é o interesse das classes populares, mas ousa perguntar às classes populares qual e a sua maneira de expressar-se no mundo, qual é a *sua palavra*. E, até então, a palavra que interpretava o popular era a *nossa palavra*. Vinha de um mundo não-popular, embora ideológica e politicamente comprometida com a causa popular.

O Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos desenvolveu-se no Estado do Rio de Janeiro através de duas equipes, durante os anos de 1963 e 1964. Uma delas atuava na Refinaria Duque de Caxias (REDUC) situada no km 113,7 da Rodovia Washington Luís (RJ) e a outra na Rocinha, na zona sul do Rio. Nesse período, na REDUC, o engenheiro Rogério Belda, formado na PUC-RJ e trabalhando na Petrobrás, teve papel importante nas atividades de alfabetização e igualmente em outras de cunho sociopolítico, através de sua atuação no

Sindicato dos Petroleiros (SINDIPETRO). Foi aí que ele se tornou um preso político. Belda sempre foi competente humorista e caricaturista, assim como nosso amigo Carlos Eduardo de Senna Figueiredo, que ilustrou um livro de aguçada crítica político-ideológica, intitulado *As novas bases do insustentável* (BELDA, 1996). Rubem César Fernandes<sup>17</sup>, antropólogo, resalta algumas de suas qualidades num depoimento para o livro de Lucia Lippi Oliveira e Dulce Pandolfi (2014), *Fora de ordem: viagens de Rubem César*.

(...). Chego a Paris cheio de malas e não quero saber de Paris, eu estava doído para chegar na Polônia.

Era sua primeira viagem para a Europa?

Havia ido a Cuba e à Argentina, mas para a Europa, foi a primeira. Isso em 1965, não é? E eu chego em 1º de maio em Paris: "Poxa, vai ser legal chegar em Paris em 1º de maio! Festa dos trabalhadores". Chego, sim, mas me decepciono. As ruas estavam vazias, um deserto. Sigo para a casa do Rogério Belda, que morava no subúrbio, perto da cidade universitária, e que havia também trabalhado no Metropolitano. O Belda era um cara legal. Tinha uma cabeça das exatas, era engenheiro. Então ele estranhava nosso modo de pensar e argumentar. Ele tinha um ótimo humor, desenhava bem, humorista do desenho, fazia charges no Metropolitano<sup>18</sup>. O

---

<sup>17</sup> O antropólogo Rubem César Fernandes foi o criador do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e da empresa social Viva Rio. Disponível em <<http://vivario.org.br/>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020. Lucia Lippi de Oliveira estudou na Escola de Sociologia e Política da PUC-RJ e, portanto, convivíamos no grupo de alunos engajados em muitas atividades.

<sup>18</sup> O Metropolitano - "Jornal carioca semanal fundado em 1959 como órgão oficial da União Metropolitana de Estudantes (UME). Depois de atravessar

Belda me serve um coelho como se fosse galinha. Meu primeiro coelho, ele mesmo cozinhou.

A outra equipe atuava na Favela da Rocinha, hoje com cerca de cem mil habitantes, limitada pelos bairros Gávea, São Conrado e Vidigal. As aulas noturnas na Rocinha se realizavam na escola instalada num barraco do Largo do Boiadeiro, onde a alfabetização funcionava das segundas às quintas-feiras, e a matemática às sextas-feiras. Essa equipe compunha-se de alunos da PUC-RJ, em geral frequentadores do diretório da Faculdade de Filosofia e Letras<sup>19</sup> e do Centro Acadêmico Roquette Pinto (CARP)<sup>20</sup>, da Escola de Sociologia e Política<sup>21</sup>. Eu mesmo procurei integrar no conteúdo a aritmética e a

---

diferentes fases e inúmeras interrupções, foi extinto em 1969." Disponível em <<http://fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-tematico/metropolitano-o>>. Acesso em 3 de fevereiro 2020.

<sup>19</sup> Nessa época a Presidente do diretório da FFL era Maria Teresa Martins Rodrigues (mais tarde Rodrigues Belda) e eu era o Tesoureiro.

<sup>20</sup> Na gestão 1963-1964, a diretoria do CARP, denominada Comissão Executiva, era assim composta: Presidente, Vicente Carlos Y Plá Trevas / Vice-Presidente, Raul Milanez de A. Maranhão / 1ª Secretária, Marta Bebiano Costa / 2ª Secretária, Lúcia Maria Lippi Leite / Tesoureira, Jurema Bolshaw Gomes.

<sup>21</sup> A história do Departamento de Sociologia e Política tem início em 1954 como "Instituto de Estudos Políticos e Sociais", criado pelo Pe. Fernando de Bastos D'Ávila. Pioneiro em seu gênero, o Instituto passou a oferecer cursos a partir de 1955, e, desde então, tem formado alguns dos mais destacados cientistas sociais do estado do Rio de Janeiro. Em 1960, foi criada a "Escola de Sociologia, Política e Economia"; em 1963, "Escola de Sociologia e Política". Com a Reforma Universitária, em 1968, "Departamento de Sociologia e Política". Disponível em <[http://www.puc-rio.br/sobrepucc/admin/ccs/hist\\_memoria\\_soc.html](http://www.puc-rio.br/sobrepucc/admin/ccs/hist_memoria_soc.html)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

geometria elementar, dentro do que os alunos muitas vezes apelidavam “aula de conta”. Eis aí alguma inspiração do MPFAA, a fim de trabalhar com números e espaço junto dessa equipe de alfabetização.

Com um forte clima de tensão e agitação política, a reação da esquerda ao statu quo reinante era reforçada pelas motivações políticas, com base, sobretudo, em três propostas progressistas e motivadoras: o Movimento de Cultura Popular (MCP), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e as Ligas Camponesas.

A SUDENE<sup>22</sup> foi criada em 1959 como uma autarquia subordinada à Presidência da República que, na época, cabia a Juscelino Kubitschek. A secretaria executiva ficou com o economista Celso Furtado, desde sua criação até o Golpe de 1964. Furtado foi responsável pela estratégia de atuação do órgão, definida a partir do diagnóstico publicado em 1959 pelo ISEB<sup>23</sup> como ‘Operação Nordeste’.

As Ligas Camponesas - associações de trabalhadores rurais -, inicialmente criadas em Pernambuco, exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart, em 1964. O principal líder das Ligas Camponesas foi o advogado Francisco Julião que, por volta de 1961, defendia, com seus seguidores, uma “reforma agrária na lei ou na marra”.

---

<sup>22</sup> A criação da Sudene: Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

<sup>23</sup> Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) - Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-superior-de-estudos-brasileiros-iseb>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

Nessa ocasião, Julião recusou alianças e entendimentos mais duradouros com João Goulart, então presidente da República, que havia comparecido ao congresso [I. C. de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, Belo Horizonte, 11/1961]. O resultado desse confronto foi a vitória formal de Julião e de seus seguidores, que advogavam então uma “reforma agrária na lei ou na marra”. Essa vitória, porém, foi politicamente enganosa, pois a partir daí o Estado reforçaria a ação sindical em detrimento da liderança das Ligas (CPDOC)<sup>24</sup>.

O clima intenso de ação política e o sentimento de que algo mais teria que ser feito contra o analfabetismo no Brasil contribuíram para que as militâncias estudantis da época se dedicassem intensamente a uma alfabetização de inspiração freireana. Além do que ocorria em Pernambuco, a Paraíba teve grande importância no desenvolvimento do MPFAA, quando foi criada em 1961 em João Pessoa a CEPLAR (Campanha de Educação Popular), por um grupo de jovens universitários apoiados pelo governo do Estado. Nos primeiros anos de 1960, a CEPLAR foi uma instituição marcante na história da educação do Nordeste do Brasil. Seu objetivo maior era de, por meio da educação e da cultura, elevar o nível das massas populares e integrá-las, de modo consciente, no processo de transformação das estruturas da sociedade brasileira (PORTO; LAGE, 1995).

Em 1963, um grupo de estudantes da PUC-RJ, com militantes de várias organizações -sobretudo da Ação Popular -

---

<sup>24</sup> Ligas Camponesas - Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acer vo/dicionarios/verbete-tematico/ligas-camponesas>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

foi ao Nordeste para um estágio de formação no Método Paulo Freire. Essa formação foi feita durante a Semana Santa, e o Domingo de Páscoa ocorreu em 14 de abril desse ano. Lá, eles interagiram com equipes que atuavam em Recife (PE) e em João Pessoa (PB). Nessas equipes que se encontraram havia estudantes e profissionais de várias áreas do conhecimento. Entre eles, lá estavam Luiz Costa Lima, Jomard Muniz de Britto e Iza Guerra Labelle<sup>25</sup>. Iza teve marcante atuação durante a Campanha de Educação Popular na Paraíba, quando estudante de Serviço Social. Isso bem se verifica no seu depoimento a seguir (CONFESS, 2017: 40):

O grupo de JUC [Juventude Universitária Católica], no qual estava inserida, assim como a Juventude Comunista, compreendemos que nosso trabalho tanto pedagógico (estágios), como político necessitava dar um salto qualitativo.

Ouvimos falar do programa de alfabetização criado pelo professor Paulo Freire, da Universidade de Recife, com experiência-piloto no Rio Grande do Norte. Decidimos, um grupo de alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, seguir o curso, aprender o método e, em seguida, implantar a experiência na Paraíba.

Com apoio material do governador Pedro Gondim, da Associação Paraibana de Imprensa (API), do Clube de Poesia e de militantes católicos e marxistas, e com assistência técnico-pedagógica de Paulo Freire e Pierre Furter (um

---

<sup>25</sup> Cabe notar que algumas das referências aqui citadas, e que se referem em geral à educação popular, fazem menção à mesma pessoa com grafias diferentes: Iza Guerra, Iza Guerra Labelle, Isa Guerra e Isa Quintans Guerra.

pedagogo suíço), professores da Faculdade de Educação e Filosofia da UFPB, criamos a Comissão de Educação Popular (Ceplar), que desenvolveu um excelente trabalho de pesquisa, alfabetização, educação e cultura em diversos bairros de João Pessoa.

Desenvolvi meu estágio curricular no bairro de Varjão, seguindo a linha da Ceplar, e passei a alfabetizar, nos finais de semana e feriados, os camponeses adultos organizados e membros da Liga Camponesa de Sapé. Neste trabalho, tivemos o apoio do advogado Francisco Julião, fundador das ligas, e do líder camponês Pedro Teixeira. Com o golpe militar, o trabalho foi encerrado, diversos participantes presos, e líderes camponeses assassinados.

Neste período, eu já residia no Rio de Janeiro e era membro da Comissão Nacional de Cultura Popular.

Em setembro de 1963, sendo Miguel Arraes governador de Pernambuco, foi realizado, no Recife, o 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, organizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), tendo como ministro o professor Paulo de Tarso. Como resultado, foi criada uma Comissão Nacional de Cultura Popular, composta por representantes de diversas regiões do país: Osmar Fávero, Cosme Alves, Tereza Aragão, Ferreira Gullar, Luiz Alberto Gomes de Souza, Paulo Pontes e eu. Todos nos deslocamos para o Rio e passamos a trabalhar integrados ao MEC. Éramos responsáveis por desenvolver um trabalho de conscientização em todo o território nacional, em complementação ao Programa Nacional de Alfabetização.

Era uma época de intensas reivindicações e no Rio de Janeiro, o Centro Acadêmico Roquette Pinto (CARP) da Escola

de Sociologia e Política da PUC-RJ organizou, de 6 a 11 de maio, um encontro da maior importância, que foi a 'Semana do Nordeste'. O presidente do CARP era Vicente Y Plá Trevas que havia sucedido a Jacques Velloso. O encarregado principal da organização da Semana foi o antropólogo Otávio Velho e o evento forneceu um bom impulso ao plano nacional de alfabetização.

Lá estava Paulo Freire, acompanhado de vários de seus colaboradores da Universidade de Pernambuco. O evento teve o programa a seguir, transcrito a partir da nota do *Correio da Manhã* de 6ª feira, 3 de maio de 1963:

#### Semana do Nordeste

O Centro Acadêmico Roquete Pinto da Escola de Sociologia e Política da PUC do Rio de Janeiro vai realizar em cooperação com a União Nacional dos Estudantes, de 6 a 11 de maio, na Rua Marquês de São Vicente, 200 — Gávea a Semana do Nordeste com o seguinte programa:

- Dia 6 — às 20h15m — Coquetel e Exibição de um reizado alagoano. As 20h30m — Democratização da Cultura e Inserção no Trânsito Brasileiro, pelo prof. Paulo Freire, do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife. A abertura da exposição será realizada após o coquetel.

- Dia 7 — às 10 h — Conferência o prof. Francisco Mangabeira, sobre "Petróleo Brasileiro no Nordeste", às 20h15m — "Arte no UE. Impasses do Regionalismo" (Com projeção de slides pelo prof. Luis de França C. Lima [Luis Costa Lima], do SEC da Universidade do Recife).

- Dia 8 — às 10 h — Equipe da SUDENE — O Plano diretor da SUDENE — com exibição de slides; às 20h15m — "Desequilíbrios Regionais:

SUDENE" — Roberto Cavalcanti de Albuquerque — com slides e filmes pelo prof. Roberto Cavalcanti (SEC da Universidade do Recife).

- Dia 9 — 10 h — Sindicalização Rural pelo Pe. Paulo Crespo; às 20h15m — "Extensão Cultural e rachadura da Universidade do Recife" por Jarbas Maciel da UR.

- Dia 10 — As 20M5nt — "Educação de Adultos: Unificação da Cultura", pelo prof. Jomard Muniz de Britto — SEC da Universidade do Recife.

- Dia 11 - às 10 h - "Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos", pela profa. Aurenice Cardoso da UR: às 11 h — Encerramento da Semana do Nordeste com a presença de governadores do Nordeste, tendo sido convidado para alocução de encerramento o governador Miguel Arraes. Na ocasião serão entregues prêmios aos alunos colocados no Concurso sobre o Nordeste. Maiores detalhes poderão ser obtidos na sede do CARP da PUC-RJ. [grifos do autor].



**Figura 1 – Paulo Freire**

Fonte: *Correio da Manhã*, 20/11/1963 / Arquivo Nacional *apud* Núcleo de Memória da PUC-Rio

No período próximo à Semana do Nordeste, Jacques Velloso era o Presidente do CARP e foi sucedido por Vicente Y Plá Trevas, em outubro de 1963. Como mencionado no programa, houve um concurso de monografias sobre temas e problemas do Nordeste. Os vencedores foram Moacir Palmeira, em primeiro lugar, com um trabalho sobre a SUDENE, e Vicente Y Plá Trevas, em segundo lugar numa discussão sobre 'O Nordeste e a Revolução Brasileira'. Esses trabalhos foram apresentados durante o evento, e ficou evidente que nesse resultado se manifestava uma interessante coerência teórica e política com a presença da contribuição do nordeste para três dos grandes debates nacionais dentro das Reformas de Base: SUDENE, Movimento de Cultura Popular e Ligas Camponesas. Celso Furtado sempre marcou fortemente sua contribuição e presença em todos esses debates. Muito importante foi a publicação em 1962 de seu livro *A pré-revolução brasileira*, pela editora Fundo de Cultura.

Inaugurou-se uma exposição sobre cultura e arte popular nordestina, com um coquetel no solar construído pelo arquiteto Grandjean de Montigny. O prédio passava por um certo abandono e foi cuidado por um grupo de estudantes voluntários. Com isso, o solar ganhou nova vida na universidade. Hoje este prédio abriga o Projeto Portinari, coordenado pelo filho do pintor, João Portinari.

Durante a Semana do Nordeste aconteceu uma apresentação de jazz junto ao Solar de Montigny. O jazzista interpretou Bossa Nova. O amigo Carlos Senna Figueiredo me contou que, sentado ao lado de Belda, ouviu uma de suas

ironias sempre pronunciadas com seriedade: “É preciso trazer um americano para tocar samba...”.

Na mesma semana, houve algum tipo de impossibilidade do Governador de Pernambuco Miguel Arraes estar presente, apesar de convidado. Posteriormente, ele falou em 29 de maio de 1963. Como Arraes foi impedido por setores da direção da PUC-RJ de falar numa sala de aula - provavelmente a partir de ordens superiores -, o discurso de improviso se deu a partir da varandinha da casa do CARP, situada na primeira entrada da PUC, ao subir a Rua Marques de São Vicente. O Centro ficava numa rua estreita, espécie de vila de pequenas casas, que terminava em frente ao antigo e primeiro prédio existente na PUC.

A fala *extraoficial* de Arraes foi noticiada em 30 de maio de 1963 pelo jornal *Última Hora*, cujo texto transcrevo a seguir:

O Governador Miguel Arraes disse ontem que tem em seu poder documentos capazes de comprometer " o escândalo nacional em que se constituem as atividades do IBAD"<sup>26</sup>. Segundo o

---

<sup>26</sup> Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) - Organização fundada em maio de 1959 por Ivan Hasslocher, com o objetivo de combater a propagação do comunismo no Brasil. Financiada por contribuições de empresários brasileiros e estrangeiros, intensificou suas atividades em 1962 através da Ação Democrática Popular (ADEP), sua subsidiária, que interveio ativamente na campanha eleitoral daquele ano, patrocinando candidatos que faziam oposição ao presidente João Goulart. Foi fechado, juntamente com a Adep, em 20 de dezembro de 1963, acusado de “exercer atividade ilícita e contrária à segurança do Estado e da coletividade”. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-brasileiro-de-acao-democratica-ibad>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.  
- Ação Democrática Popular (Adep) - Devido à ação ostensiva desenvolvida pelo IBAD e pela Adep na campanha eleitoral de 1962, em maio de 1963, foi

Governador de Pernambuco, os documentos demonstrarão que o IBAD investiu em seu estado cerca de Cr\$ 10 milhões diários para tentar derrotar os políticos nacionalistas nas últimas eleições. Falando aos estudantes da Universidade Católica da sacada do prédio da Escola de Sociologia e Política, conclamou-os à "boa luta pela emancipação social e econômica do Brasil". E acrescentou: - No Governo de Pernambuco, não fazemos discriminação ideológica ou religiosa.



**Figura 2 – Miguel Arraes na PUC-RJ. Da esquerda para a direita: Jacques Velloso, Arthur Jader Cunha Neves (rosto atrás do ombro esquerdo de JV), Vicente Y Plá Trevas (atrás, à direita de Arraes), Miguel Arraes.**

Fonte: Última Hora, 30/5/1963 / Arquivo Público do Estado de São Paulo apud Núcleo de Memória da PUC-Rio

---

instalada uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) com o intuito de investigar a atuação daquelas entidades. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-democratica-popular-adep>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.



### **Figura 3 – Presença do Governador Miguel Arraes na PUC-RJ**

Fonte: *Última Hora*, 30/5/1963 / Arquivo Público do Estado de São Paulo  
*apud* Núcleo de Memória da PUC-Rio

O fato de Arraes ter sido proibido pela direção da PUC-RJ de falar no interior de uma sala de aula, durante sua passagem pela universidade, foi sintomático da opressão que já vivenciávamos nessa gestação turbulenta, a nove meses do golpe. Dado o golpe de 64, e já na volta do exílio, Arraes ainda exerceu mandatos de governador de Pernambuco entre 1987 e 1991 e entre 1995 e 1999. Esses mandatos foram interpostos pelos períodos nos quais Arraes se elegeu deputado federal: 1975-1987, 1991-1995 e 2003-2005, este abreviado por sua morte em 13 de agosto de 2005. Quando governador, e sempre assumindo posições de esquerda, conseguiu que usineiros e donos de engenho estendessem o pagamento do salário mínimo aos trabalhadores rurais (Acordo do campo, LEVY, 1987) e apoiou a criação de sindicatos, associações comunitárias, assim como a presença das Ligas Camponesas no Estado.

Quanto a Paulo Freire, a admiração de todos sempre persistiu diante da sua disponibilidade ao diálogo com suas valiosas ideias e sempre pródigo em perguntar. Depois de exilado terminou em 1968 no Chile a escrita de seu livro mais importante - *Pedagogia do Oprimido*. Este foi primeiramente publicado nos EEUA em 1970 – *Pedagogy of the Oppressed*. A edição brasileira só foi liberada pela censura no governo militar em 1974 para que fosse publicada pela editora Paz e Terra. Em 2016, a pesquisa de Elliott Green da London School of Economics mostrou ser esse livro o terceiro mundialmente mais citado em publicações acadêmicas dentro das ciências sociais, com 72.359 citações<sup>27</sup>.

Além da importância de *Pedagogia do Oprimido*, outro fato que contribuiu para a projeção mundial de Freire foi o fato de que, estando em Genebra, ele passou a integrar o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), na função de consultor especial do Departamento de Educação. No CMI, Paulo, sempre cristão, esteve muito comprometido com o ecumenismo, tendo também exercido forte influência sobre o desenvolvimento da Teologia da Libertação na América Latina. A importância da presença de Paulo Freire no CMI ainda pode ser reafirmada por uma oração publicada em um site, em 1º de janeiro de 2018, por ocasião dos setenta anos do CMI. Desta oração, dois agradecimentos significativos merecem destaque:

---

<sup>27</sup> What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)? Por Elliot Green da London School of Economics no LSE Impact Blog. Disponível em <<https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

Nosotros agradecemos

- por la solidaridad y el apoyo demostrados en tiempos muy difíciles vividos por el pueblo brasileño y latinoamericano en períodos de las dictaduras militares cuando ocurrían graves infracciones de los derechos humanos y restricciones a la democracia política,
- por haber asilado en su casa en los años sesenta a Paulo Freire, el pedagogo de la liberación, y facilitado su contribución a pueblos y países del Sur cuando se convirtió en perseguido político en Brasil. (CMI)<sup>28</sup>

A presença maior de Paulo Freire nos meus itinerários de atividade política e intelectual, ainda que marcante, sofreu alguma descontinuidade de cerca de dezessete anos iniciada por minha concentração em atender exigências para a consolidação de minha carreira acadêmica. Em 1965, eu parti para um mestrado e um doutorado em física de semicondutores na região do Midi<sup>29</sup>, no sul da França, na cidade de Montpellier. Na volta ao Brasil em 1972, fui contratado como professor do 'Instituto de Física Gleb Wataghin' (IFGW) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

---

<sup>28</sup> Oración: 2018 - Setenta Años del Consejo Mundial de Iglesias. Disponível em <<https://www.oikoumene.org/es/wcc70/prayers-and-songs/prayer-from-ieclb>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

<sup>29</sup> Midi significa tanto meio-dia quanto ao fato do Sol do meio-dia observado a partir de toda a França sempre indicar o sentido do sul, uma vez que esse país se situa em latitudes ao norte do Trópico de Câncer e que apenas em latitudes intertropicais ocorre o Sol-a-pino. «Midi signifie à la fois la mi-journée (du vieux français mi (milieu) et di, du latin dies (jour)) et le sud, en France et dans le reste de l'hémisphère nord la position du soleil à midi étant au sud.» Disponível em <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Midi\\_de\\_la\\_France](https://fr.wikipedia.org/wiki/Midi_de_la_France)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

Em 1980, conheci Paulo Freire presencialmente, então contratado pela Faculdade de Educação da UNICAMP (FE-UNICAMP). Em 1993, ao ser aceito por meus amigos antropólogos, deixei o IFGW e me transferi para o Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da mesma universidade. As causas dessa mudança, que considero gradual, devem-se ao fato que já há algum tempo eu vinha me dedicando a pesquisas etnográficas sobre saberes, práticas e técnicas em contextos locais e não acadêmicos. Aproveitei estas experiências de campo aplicando-as aos processos de educação universitária e escolar infantil. No campo, meus interlocutores eram pescadores, caiçaras e indígenas, com os quais aprendia sobre seus saberes a respeito de tempo, espaço e lugar, assim como o que sabiam do céu e das relações céu-terra (CAMPOS, 1982, 2006<sup>30</sup>; FRANCHETTO, CAMPOS, 1987).

---

<sup>30</sup> Embora publicado em 2006, esse texto corresponde a trabalhos de campo iniciados em 1986 na Aldeia Gorotire (PA) no Projeto Kayapó coordenado por Darrell A. Posey (biólogo e antropólogo) a partir do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Ver, por exemplo, 'De Belém a Belém+30: o que temos a declarar' (2018): Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/eventos/>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

#### **4. OS TEMPOS DE EXÍLIO DE 1964 A 1979. FREIRE GANHA PROJEÇÃO MUNDIAL: A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A PRESENÇA NO CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS**

Freire sempre persistiu em colocar em prática uma educação libertadora e associada à tomada de consciência inerente ao processo de alfabetização, que permite muitas releituras do mundo. A ditadura militar, dificultando a vida de Paulo Freire fez com que ele partisse para o exílio em 1964, aos 43 anos de idade. Depois de acusado de subversão e preso por 72 dias, partiu para o exílio; primeiro, para a Bolívia, onde ficou por alguns dias. Diante do golpe de Estado, conseguiu um salvo-conduto do governo boliviano e seguiu para o Chile.

No Chile Freire trabalhou por quatro anos no *Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria* (ICIRA) e nesse tempo escreveu a *Pedagogia do Oprimido*, terminada em 1968 e primeiramente publicada nos Estados Unidos, em 1970. Diante do quadro repressivo daquele momento brasileiro, Paulo Freire e o editor Fernando Gasparian resolveram postergar a publicação no Brasil. Assim a primeira edição brasileira pela editora Paz e Terra saiu somente em 1974<sup>31</sup>. Essa edição recebeu uma introdução sempre muito elogiada de seu companheiro do exílio chileno, o filósofo gaúcho Ernani Maria Fiori<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogy of the Oppressed*, New York: Herder and Herder, 1970.

<sup>32</sup> Ver o capítulo 2.3 “Ernani Maria Fiori: um pensamento fértil na consciência latino-americana” (SOUZA, 2015, p. 349-369), onde a referência específica ao livro de Freire se situa na página 363.

Ao se completarem vinte anos da primeira edição brasileira, e vinte e quatro anos da primeira edição nos Estados Unidos, a editora Paz e Terra produziu o fascículo “24 anos - Pedagogia do Oprimido - Paulo Freire”, que contou com vinte e quatro depoimentos curtos tanto sobre o livro como sobre seu autor. Foi encartado na edição brasileira de 1994. Aqui segue o que escrevi:

No início dos anos 60, eu acompanhava o desenvolvimento do Método Paulo Freire procurando adaptá-lo às minhas "aulas de conta" na favela da Rocinha, no Rio. Nos anos 80, conheci Paulo na Unicamp. A amizade que estamos construindo desde então se entrelaça ao prazer da convivência com o pensador e ao seu pensar quando me sirvo da universalidade atual da Pedagogia do Oprimido, trazendo-a para a educação em ciência e para a educação ambiental.

Paulo soma à sua profunda reflexão e acuidade de análise um delicioso prazer pelas coisas da vida, um prazer eternamente adolescente que muito nos faz apreender através de seus olhos. Ler para viver o mundo (Marcio D'Olne Campos, Professor da Unicamp, 1994).

A Pedagogia do Oprimido nos sugere algumas considerações críticas sobre outros modos e pontos de vista em educação, em contraste com perspectivas freireanas. Tais perspectivas, em hipótese alguma, podem prescindir dos contextos locais naturais, socioeconômicos e culturais do ato de educar. Diferentes dos freireanos, outros modos de educar privilegiam os conteúdos em detrimento dos contextos locais. Por isso, servem melhor a programas educacionais de

abrangência nacional que, infelizmente, relegam diferenças socioeconômicas e culturais a um segundo plano. Paulo Freire e eu tivemos enriquecedoras discussões sobre tais questões, sempre regadas pelo entusiasmo antropológico por nós dois compartilhado e pelas nossas dificuldades em aceitarmos mais facilmente aquela que seria a mais nacionalmente aplicável tendência conteudística - oposta à contextualista, local.

No capítulo II de *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire contrapõe duas concepções conflitantes da educação (1981, p. 76). Por um lado, a bancária, como instrumento de opressão e pura transmissão de informação e, por outro, a problematizadora como libertadora, dialógica, formadora e informadora. Na bancária “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”.

Numa educação problematizadora e dialógica,

“o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.”

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1981, p. 78-79).

O professor dialógico (oposto ao bancário) leva para a sala de aula suas estratégias contidas na aula preparada para – uma vez que está sempre aberto ao diálogo – discutir, dialogar com os alunos, recorrendo constantemente às táticas no calor das problematizações que surgem na sala de aula. Essa educação em comunhão entre humanos é mediatizada pelo mundo num desafio constante ao enfrentamento dos obstáculos ao nosso conhecer a partir das leituras do mundo que nos cerca<sup>33</sup>.

Uma educação que não contemple repensar estratégias pelo recurso a táticas diante de eventuais conflitos e que não problematize as leituras do mundo, será uma educação por imposição de conteúdos – educação conteudística, bancária. Essa apenas transmite informação sem formação, sem problematizar e estimular o raciocínio em presença do diálogo, simplesmente e sem esforço maior, atochando o cérebro dos alunos. No lugar de chavões, desqualificações e xingamentos dirigidos contra as propostas educacionais libertadoras, os defensores dos absurdos conteudistas deveriam ler com

---

<sup>33</sup> Aqui ressaltam, evidentemente, as ideias de Gaston Bachelard, quando preconiza que, no enfrentamento dos ‘obstáculos epistemológicos’, o que frequentemente se considera “erro”, de fato e na maioria das vezes, não é um erro como “reflexo do espírito cansado”. Ao contrário! Este “erro”, nada mais é do que um desafio à problematização, um obstáculo epistemológico que resiste ao enfrentamento, a ser desvelado na construção do conhecimento numa de nossas leituras do mundo (BACHELARD, 1970; MIGNE, 1994). Cabe notar que o título do livro do grande filósofo francês é muito sugestivo desta discussão: A Formação do Espírito Científico: contribuição a uma psicanálise do conhecimento objetivo, cuja edição original francesa é de 1938.

atenção o que se refere a 'estratégia e tática' - cujas noções se espalham pela obra de Paulo Freire - e, mais especificamente, relacionar esse binômio a outro: 'espaço e lugar', como o faz magistralmente Michel de Certeau (1998, p. 45-46 e 97-102).

Certeau, por recurso de facilidade, exemplifica com batalhas o caso de invasores, que ao estar no lugar do outro, se limitam apenas a estratégias e, por isso, têm dificuldade de repensá-las diante do inesperado. Ou seja, repensar no ato mesmo da batalha aquilo que planejaram a partir do seu lugar/cidadela de origem para invadir o lugar/cidadela do outro, o inimigo. Repensar as estratégias no ato, diante do inesperado das reações do inimigo, significa recorrer a táticas.

A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O "próprio" é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para "captar no voo" possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em "ocasiões".

Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas (CERTEAU, 1998, p. 46).

Em educação, a mentalidade bancária antieducativa ocorre quando o professor, munido apenas de suas estratégias, invade a sala de aula sem dar lugar às táticas, práticas fundamentais ao diálogo na construção do conhecimento.

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador (FREIRE, 1981, p. 78).

Ao longo do exílio e depois da passagem pela Bolívia e o período chileno, Freire esteve em países da Ásia e da África, assim como nos Estados Unidos e na Suíça. Em Genebra foi nomeado para o cargo de conselheiro educacional e consultor do Conselho Mundial das Igrejas e com isso, obra e nome foram ganhando maior dimensão internacional. Sua presença na África representou um período de fértil interação com importantes intelectuais africanos, assim como de uma intensa ação educativa e cultural em vários países.

Esta ação educativa decorre ainda de seu período suíço quando em Genebra, Paulo e a esposa Elza Freire juntaram-se a um competente grupo de brasileiros que já se encontrava por lá: Claudius Ceccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira. Em 1971 criaram o Instituto de Ação Cultural (IDAC) cujo objetivo era aprofundar o estudo e a aplicação de uma educação libertadora, além de rever criticamente os processos existentes anteriormente ao golpe de 1964.

A partir da convivência, de memórias de exilados e de reflexões sobre o papel de Elza Freire, professora primária e

diretora de escola no Recife, Luiz Alberto Gómez de Souza (2015, p. 105) me escreveu comentando:

Quase não se fala da importância da Elza Freire na elaboração do método. [...]. Para os que convivemos com ela no Chile, José Luís Fiori, eu e outros, temos um grande respeito pelo trabalho silencioso, mas firme da Elza<sup>34</sup>.

Paulo Freire, como bom nordestino, gostava de acolher pessoas em sua casa, sempre na tradição de almoço e jantar regados de boas conversas. Estas eram animadas por Paulo – sempre um grande contador de histórias e muito perguntador. Assim, esta casa, carinhosamente conhecida como “embaixada da resistência”, foi um ponto de referência do exílio brasileiro na Europa.

A partir do IDAC, o grupo passou a prestar serviços educativos, especialmente aos países do Terceiro Mundo que lutavam por sua independência. Com isso e com a adesão posterior de Marcos Arruda, foi intenso o trabalho no continente africano entre Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe, o qual se estendeu de 1974 a 1979 (MESQUIDA, 2014; FREIRE, GUIMARÃES, 2013).

Com a anistia e a volta dos exilados, Paulo Freire passou a trabalhar entre a PUC-SP e a UNICAMP. Desde 1972 eu já

---

<sup>34</sup> Sobre a importância de Elza Freire na educação, foi defendida a dissertação de mestrado de Nima Imaçulada Spigolon em 2009 na FE-UNICAMP. Em 2016, o livro correspondente foi publicado sob o título *Pedagogia da Convivência: Elza Freire: uma Vida que faz Educação* (SPIGOLON, 2016).

trabalhava na UNICAMP e assim fomos nos aproximando 'fraternalmente' numa 'boniteza' de amizade – para usar dois termos que lhe são caros.

Em minhas buscas por informações sobre vivências dos anos de PUC-RJ nos primeiros anos 1960, conversei e restabeleci prazerosos contatos com uma variedade de amigas e amigos, às vezes beirando uma atividade detetivesca. De um desses encontros, resultou o depoimento de um querido amigo, cheio de interessantes, tristes e alegres histórias e causos dos tempos do seu exílio pela ditadura militar. Após a seção seguinte - presente do amigo Senna e também com a presença de Paulo - reencontraremos Freire na volta do exílio em São Paulo.

## **5. CRÔNICA DE UM AMIGO EXILADO NOS ANOS 1970 - CARLOS SENNA FIGUEIREDO**

Minhas buscas por velhos amigos, disparadas por interesse em narrativas sobre pessoas e coisas daquele tempo, têm sido por demais prazerosas na evocação de vivências de temporalidades na presença de Paulo Freire. Amigos desde os anos 60, Carlos Eduardo de Senna Figueiredo – o Senna –, sua esposa Felisa Mirtha Ramirez, psicanalista, e eu nos encontramos no 'Aldebarã: Observatório a Olho Nu' da UNICAMP, em 1991. Por isso, Senna me disse recentemente que nossos encontros ocorrem a cada 30 anos.

A seguir as duas partes da crônica do Senna:  
Carlos Senna Figueiredo.

Um grupo de 9 pessoas - Mario Pedrosa, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira, Angela Xavier de Brito e Jader Cunha Neves, Sergio Rocha e Tetê Moraes, Maria Regina Pedrosa e Carlos Senna Figueiredo - foram acusados em 1970 de "difundir no exterior notícias falsas sobre tortura a presos políticos no Brasil". Foi então decretada a sua prisão preventiva. Foram todos absolvidos por falta de provas em 1979. Contudo, a acusação e a decretação de prisão preventiva, assim como a peça acusatória paralisada por anos a fio, lhes valeram o exílio de dez anos.

Ostracismo, desterro político no dizer dos gregos antigos.

Mario Pedrosa passou a maior parte do exílio no Chile, onde criou o Museu da Solidariedade, formado por obras doadas por artistas de todo o mundo ao povo chileno. E lá está o Museu, uma beleza.

Miguel e Rosiska criaram em Genebra o Instituto de Ação Cultural – IDAC - e lá trabalharam com Paulo Freire. Trouxeram o IDAC para o Brasil na anistia e ele ainda existe. Rosiska, escritora, foi Professora na Universidade de Genebra e hoje no Brasil foi eleita para a Academia Brasileira de Letras. Miguel presidiu o IDAC depois de Freire e na anistia voltou ao Itamaraty além de ter sido assessor de Ruth Cardoso no Programa Comunidade Solidária.

Jader e Angela<sup>35</sup>. refugiaram-se no Chile, foram presos logo depois do golpe, levados ao Estádio Nacional e estavam por

---

<sup>35</sup> Artur Jader Cunha Neves, sociólogo; Angela Maria Xavier de Brito, doutora em sociologia da educação por Paris V (1991) tem entre seus temas de pesquisa, os estudantes brasileiros no exterior e as mulheres latino-americanas em Paris.

enfrentar corte marcial quando movemos céus e terra para tirá-los do inferno.

Fincaram os pés na França, onde vivem. Angela fez carreira no CNRS, que seria o CNPq francês, e Jader trabalhou na Prefeitura de Aulnay-sous-Bois, à testa de projetos sociais.

Tetê dirigia uma seção da Editora Quilapayún, no Chile. Dali morou nos Estados Unidos, França e Portugal. Voltou ao Brasil como cineasta de primeira água.

Eu estava na Inglaterra, para onde fui em novembro de 1969, para lá ficar durante um mês. Esse mês virou 10 anos...

Para justificar a minha permanência no país, meti-me na London School of Economics - LSE onde fiz mestrado em matemática aplicada (operational research, pesquisa operacional).

Em 1972, fui convidado pelo professor e cibernetista Stafford Beer para juntar-me ao projeto Synco, no Chile, destinado a criar condições tecnológicas para a autogestão dos trabalhadores.

Deixei Londres em setembro ou outubro de 1972, mas em Genebra, fui advertido por Paulo Freire sobre a acelerada deterioração da situação política no Chile. Ele nos convenceu acerca do risco, adiei a viagem e fui enfim em janeiro de 1973.

Como as condições políticas no Chile se agravassem, aceitei convite de Darcy Ribeiro para integrar o Centro de Estudios de Participación Popular que ele havia criado em Lima. Deixamos Santiago no ultimíssimo voo na manhã do dia do

golpe. O Centro em Lima era um projeto da ONU com contrapartida da área de planejamento peruana. Cuidávamos da construção de modelos matemáticos para projetos nacionais.

Trabalhamos nisso até o Darcy adoecer e o projeto minguar. Fui então para a PUC del Peru onde fiquei como professor visitante de matemáticas até poder voltar à patrinha, em 1979, quando relaxaram a prisão preventiva. Mas o processo não foi julgado senão em agosto de 1979, pouco antes da anistia.

Sobre o projeto no Chile e sobre o Centro conversaremos um dia. Vale a pena recordar.

Recordar vem do latim, quer dizer "trazer outra vez ao coração" ...

\*

Eu vi Paulo Freire duas vezes. Só duas vezes! Mas foram momentos de intensa afeição. Te conto.

Primeiro, em Genebra, quando eu seguia rumo ao Chile. Depois, já residente em Lima, vi Paulo na residência de Darcy Ribeiro. Ao conversar sobre o tema do exílio, Paulo não perdia o humor. Contou que a Suíça o aborrecia.

Lembrou que certa feita sua mulher necessitava de um medicamento. Era noite. Ele desceu para tomar o carro na garagem do edifício onde viviam. O carro não arrancou da primeira vez. Insistiu novamente até que o motor funcionou. Nisso desce um suíço de robe de chambre dizendo que já não se podia dormir naquela cidade...

Paulo contou outro episódio da sua vida suíça: estava sentado no ônibus e à frente se lia o aviso "proibido fumar". Não

é que um cara sentado ao seu lado puxa cigarro e fósforo e põe-se a fumar? Paulo se enche de raiva e pensa com furor - é proibido fumar. E logo cai em si: caramba, pensou, estou virando suíço. É hora de ir embora!

## **6. PAULO FREIRE E A VOLTA DOS EXILADOS DO GOLPE DE 64**

O ano de 1979 foi importantíssimo, pois nele surgiu a notícia da liberação da volta dos exilados políticos de 1964. Paulo Freire chegou a São Paulo em agosto de 1979, tendo voltado a Genebra para finalizar compromissos anteriormente assumidos. A volta definitiva se deu em junho de 1980.

Em 1979, a anistia aos exilados, depois de decorridos 15 anos do golpe militar, foi motivo de extrema satisfação e festejo nas universidades. A 31ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), por exemplo, foi organizada em Fortaleza entre 11 e 18 de julho de 1979 e teve o mote sugestivo “Dilemas da produção científica no Brasil”. No entanto, isso foi apenas a conquista de uma etapa, pois a ditadura ainda perduraria até 1985 quando em 8 de maio, o congresso nacional aprovou emenda constitucional que acabava com alguns vestígios da ditadura.

Nesse clima do retorno dos exilados e de esperanças de uma retomada das liberdades de expressão, vale lembrar que organizei, junto com Carlos Vogt<sup>36</sup>, uma mesa-redonda para a

---

<sup>36</sup> Carlos Vogt\* - Professor titular de semântica argumentativa na UNICAMP da qual foi reitor. Foi Presidente da FAPESP e é coordenador do LABJOR\* (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo).

referida 31ª Reunião da SBPC. Nela discutimos as “Condições da Atividade Intelectual na Universidade Brasileira Hoje”, com o objetivo de levantarmos sugestões e perspectivas para as universidades nos tempos que sucederiam à anistia<sup>37</sup>.

A partir de agosto de 1980, Freire foi contratado como Titular pela PUC-SP. Segundo Nita Freire (2006, p 274) “O Programa de Pós-Graduação em Educação/Currículo da PUC-SP, atendendo a sugestão de Paulo, inovou a proposta pedagógica de “dar aulas”, o ato de ensinar-aprender.” Ou seja:

Ele não ia sozinho para as classes, tal como o “mestre” que vai ensinar tudo ou muitas coisas do que sabe porque sabe tudo. Não! Sempre com outro/a professor/a, mais habitualmente com Ana Maria Saul, Antonio Chizzotti e Yvone Kouri formavam círculos de debates sobre a prática educativa dos/as alunos/as, sobre os temas de seus trabalhos teóricos. Para esclarecer dúvidas ou aprofundar teorias, enfim dialogando em si e em torno dos temas das dissertações e teses deles ou delas ou mesmo em torno de algum objeto do conhecimento das teorias educativas e político-éticas ou sociológicas que lhe traziam curiosidade. Nunca

---

(\*) Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Vogt](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Vogt)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020. (\*\*) Disponível em <[http://www.labjor.unicamp.br/?page\\_id=1043](http://www.labjor.unicamp.br/?page_id=1043)>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

<sup>37</sup> Os problemas tratados e respectivos autores foram: Academicismo e Vida Universitária (Gilberto Velho), Ensino e Pesquisa: uma associação problemática (Luiz Antonio Cunha), Formação do Pesquisador: um processo em questão (Marcio D’Oliveira Campos), De Modelos e Modelagens (Carlos Vogt), O Campus Universitário no Brasil: arquitetura – aspectos ideológicos (Carlos Nelson F. dos Santos). Esses textos foram publicados sob o título Atividade Intelectual na Universidade Brasileira Hoje. Encontros Com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 16, p. 78-102, 1979.

exclusivamente sobre a teoria de Paulo, mas preferencialmente sobre o que estavam estudando, analisando ou tinham curiosidade epistemológica de saber. Por isso Paulo nunca se referia a "cursos" ou "classes", mas a "seminários" (FREIRE, 2006, p 274).

No mesmo período foi lançado, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion de São Paulo, o manifesto de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Freire se filiou ao PT na cidade de São Paulo e atuou como supervisor para o programa do partido para alfabetização de adultos de 1980 até 1986.

Desde o início e ao longo de sua existência, o PT foi assessorado por dois espaços de fomento a atividades políticas, projetos de reflexão político-ideológica, estudos e pesquisas (MENEGOZZO, 2009). A partir de 1981, o primeiro espaço foi a Fundação Wilson Pinheiro (FWP)<sup>38</sup>, extinta em 1990. Após um intervalo que durou até 1996, tomou o lugar da FWP a Fundação Perseu Abramo (FPA). Portanto um herói seringueiro e um jornalista e cientista social tiveram seus nomes associados às fundações<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Eleito em 1981 pelo Diretório Nacional do PT, a composição do 1º Conselho Curador da FWP, incluía: Antonio Candido de Mello e Souza (Presidente), Paulo Freire (Presidente da Diretoria Administrativa), Moacir Gadotti (Vice-Presidente da Diretoria Administrativa), José Álvaro Moisés, Francisco Weffort, Francisco de Oliveira, Paul Singer, Hugo Asmann, Joaquim A. Alvarenga, Marcio de Souza, Hélio Bicudo, Paulo Delgado, Paulo Rubem, Luis Carlos de Menezes e David Simon.

<sup>39</sup> - Wilson de Souza Pinheiro (1933-1980) foi seringueiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, no Acre, e membro da Comissão Municipal Provisória do Partido dos Trabalhadores naquele município. Liderou um movimento contra fazendeiros que ameaçavam posseiros. Latifundiários da região mandaram matar Wilson na noite de 21/7/1980. Ver Centro Sérgio Buarque de Holanda, Documentos –

Depois dos anos da ditadura, a primeira eleição para governadores e outros cargos ocorreu em 15 de novembro de 1982. Votando para deputado estadual, deputado federal, senador e governador, os eleitores tinham que escolher candidatos do mesmo partido. Os resultados obtidos pelo partido da situação (PDS) se aproximaram daquele da soma dos partidos de oposição (PDT, PT, PTB e PMDB).<sup>40</sup> Só cinco partidos tiveram seu registro permitido.

Passadas as eleições, no início de 1983, a Fundação Wilson Pinheiro promoveu uma semana de formação para candidatos, eleitos ou não pelo PT, com atividades e reflexões promovidas, em grande parte, por professores das universidades USP, UNICAMP e PUC-SP. Participaram vários membros do Conselho Curador da FWP, como mencionei<sup>41</sup>. Eu mesmo tive a honra de participar, convidado pelo próprio Paulo Freire, que lá estava, assim como outras presenças marcantes como a de Antonio Cândido, Marilena Chauí, Moacir Gadotti e meu amigo, também físico, Luis Carlos de Menezes. A semana, que foi extremamente enriquecedora, me traz sempre boas

---

'Trabalhadores: os anos 80', Perseu: História, Memória e Política, n. 5, 2010. Disponível em <<http://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/issue/view/16>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2020.

- Perseu Abramo (1929-1996), cientista social e jornalista. Combinando trabalho político e organizativo, exerceu vários cargos no PT, inclusive o de formação política. Ver "Sobre Perseu Abramo, 11/02/2010. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/2010/02/11/sobre-perseu-abramo/>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2020.

<sup>40</sup> Eleições gerais no Brasil em 1982. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es\\_gerais\\_no\\_Brasil\\_em\\_1982](https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_gerais_no_Brasil_em_1982)>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

<sup>41</sup> Ver nota 38.

lembranças. À boa organização - a cargo da amiga Ana Rocha, secretária da FWP na época - uniu-se o entusiasmo de todos pela proposta de formação política de novos agentes nesses novos tempos.

Sobre a vida pessoal de Paulo, Nita Freire (2006) nos conta a seguir sobre a sequência de suas duas moradas em São Paulo depois da volta:

Em São Paulo, comprou um apartamento nas proximidades da PUC-SP, na Rua [Doutor] Homem de Melo, onde viveu com Elza Freire e o filho Lutgardes até princípios de 1986, quando se mudou para uma casa na Rua Valença, n.170, também na cidade de São Paulo. Nessa casa Paulo viveu com eles, e mesmo após o falecimento de Elza, em 24 de outubro de 1986, lá continuou morando. Ainda nessa mesma casa, eu e Paulo, depois de casados, e por um ano seu filho Lutgardes, vivemos por quase dez anos.

O período de cerca de 17 anos no qual Paulo Freire viveu em São Paulo, depois da volta da Europa até que ele nos deixasse, foi marcado por uma intensa requisição para que colaborasse com várias universidades da região no entorno de São Paulo e Campinas. Assim é que Freire - além de manter uma relação quase permanente com a PUC-SP – trabalhou também de forma mais efetiva na Faculdade de Educação da UNICAMP, entre setembro de 1980 e março de 1991. Em outros momentos exerceu funções na USP e na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

## **7. NOSSAS VEREDAS PAULISTAS**

A partir de 1980, Paulo seguia toda quarta-feira para Campinas e passamos a nos encontrar com maior frequência. Eu morava em Campinas e vinha a São Paulo toda terça-feira à tarde para minhas sessões de psicodrama. No dia seguinte, estava eu cedinho de prontidão à espera de Paulo no número 629 da Rua Doutor Homem de Melo, em Perdizes. Às vezes subia, cumprimentava sua esposa Elza, tomava um cafezinho e dali seguíamos para Campinas nessas caronas amigas com a sensação de curteza das viagens porque muito boas e regadas de ótimas conversas - deliciosas e instrutivas.

José Aristodemo Pinotti, ginecologista e político, foi Reitor da UNICAMP entre fevereiro de 1982 e meados de 1986. Experimentando uma prévia das futuras pró-reitorias, Pinotti criou algumas assessorias especiais e, com isso, me atribuiu, em 1984, um cargo que ocupei até o final de sua gestão: Assessor Especial da Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária. Durante esse período, procurei intensificar atividades que já vinha desenvolvendo no plano da educação formal e não-formal junto a escolas no ensino fundamental, no Museu Dinâmico de Ciências e Planetário dirigido pelo amigo e colega Carlos Alfredo Arguello. No final da gestão, concretizamos um projeto que concebi e que foi acompanhado de frutíferas discussões com a arquiteta Beatriz Goulart de Faria, que se encarregou do aspecto arquitetônico e do andamento da obra. Assim, o Aldebarã: Observatório a Olho Nu – UNICAMP, foi inaugurado no início de 1986 para interagir com escolas e público em geral, bem como ser um palco de atividades

artísticas. A ideia básica era que funcionasse como uma praça pública-observatório<sup>42</sup>.

Em trabalhos nesses três setores - extensão, Aldebarã e Museu de Ciências – Paulo Freire esteve sempre comigo, adicionando sabedoria, entusiasmo e estímulo. Lembro com muita saudade, das agradáveis surpresas quando ele chegava à minha sala no prédio da reitoria e se sentava para conversarmos e trocarmos ideias. Sempre se entusiasmou e incentivou minha gradual aproximação com a antropologia a partir da física e da astronomia – a esta última dei o apelido de ‘mãe renegada da física’. Isso porque é pouco considerada na graduação em física e existe primordialmente nos programas de pós-graduação.

Finalmente foi em 1993 que, entre vários amigos antropólogos, fui aceito no quadro de professores do Departamento de Antropologia, cujo diretor era Antonio Augusto Arantes. Nessa época eu já interagia com o departamento no qual, junto com Carlos Brandão, coordenávamos o Projeto ‘Homem, Saber e Natureza’, financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Esse Departamento é parte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH-UNICAMP), onde o

---

<sup>42</sup> Marcio D’Oliveira Campos fala sobre Aldebarã: Observatório a Olho Nu - UNICAMP, destacando a importância da consciência do referencial de observação e seus aprendizados entre sociedades indígenas. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/09/3observ.mp3>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

saudoso amigo e cientista político Plínio Dentzien<sup>43</sup>, adicionou ao meu ritual de passagem o simpático apelido de “astropólogo”.

De certo modo, eu já providenciava essa mudança há cerca de dez anos realizando trabalhos de campo entre pescadores e indígenas (CAMPOS, 2006, 1982; FANCHETTO y CAMPOS, 1987). Trabalhava na perspectiva de uma etnografia de saberes, técnicas e práticas interpretando os dados trazidos do “estar lá” no campo. Estes resultados, traduzidos para o “estar aqui” e o “escrever aqui” na academia (GEERTZ, 1989), consistem na etnociência, etnoastronomia, etnoecologia, etc. Enfim, são as etno-x, onde x é uma disciplina da academia<sup>44</sup> (CAMPOS, 2002, p. 62).

Em 1987, com a equipe interdisciplinar de uma vintena de pesquisadores, participei sob a função de curador científico da equipe de montagem da exposição “A Ciência dos Mebêngôkre [Kayapó]. Alternativas contra a destruição”, ocorrida em 1988 no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG, Belém, PA) (HAMÚ; POSEY, 1987). Em 1992, no centro cultural do Paço Imperial no Rio de Janeiro, esta exposição, depois de reformulada, ocorreu por ocasião da ECO-92.

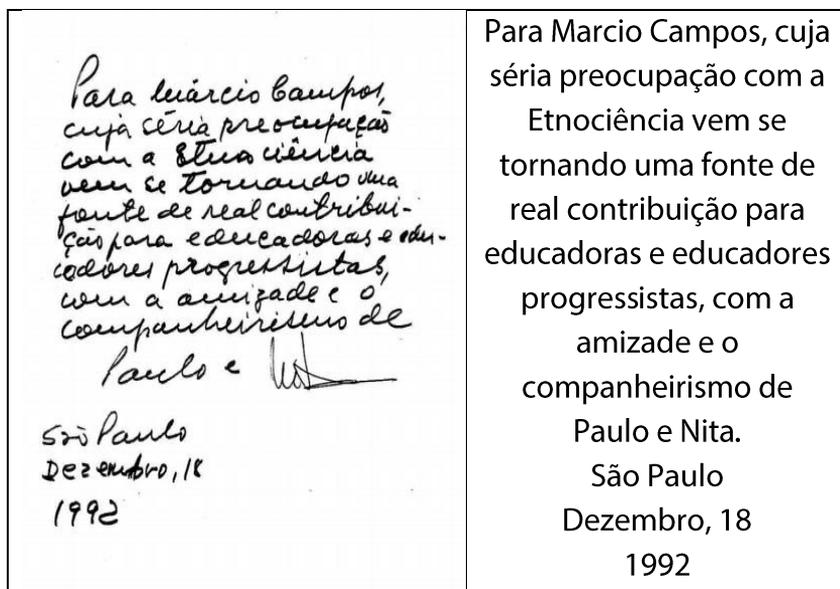
Os relatos acima muito me orgulham, uma vez que são recorrentes as menções de Paulo Freire à minha dedicação e à importância que ele dava à etnociência, tanto nos seus textos

---

<sup>43</sup> Unicamp perde professor Plínio Dentzien - 13/10/2016. Disponível em <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/10/13/unicamp-perde-professor-plinio-dentzien>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

<sup>44</sup> Aspectos relativos à etnociência e às etno-x também são mencionados na entrevista referida na nota de rodapé 41.

(FREIRE, SCHOR, 1987, p. 132), como no que às vezes escrevia ao me dedicar seus livros (Figura 4). São referências ao meu gosto em articular a prática educativa com o que trazia aprendido dos saberes de meus interlocutores durante os trabalhos de campo.



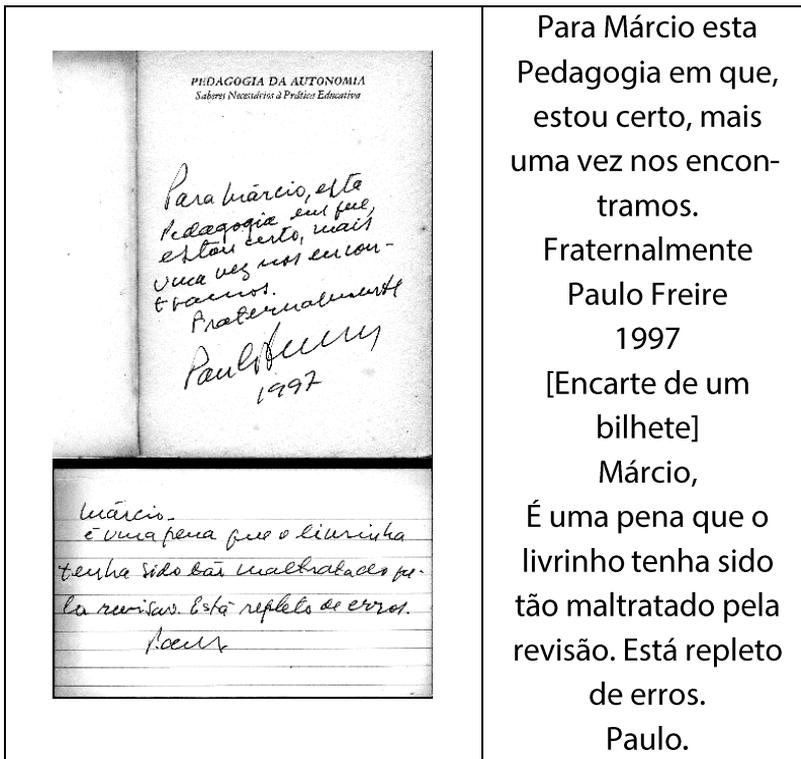
**Figura 4 - Dedicatória do livro: *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1992).**

Fonte: Arquivo do Autor.

Permanecendo no prazer dessas dedicatórias, adianto que por volta de abril de 1996, foi editada a vendidíssima *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* que, de fato, surgiu para venda em 1997. Foi quando Paulo Freire afetuosamente me deu um exemplar no qual, além da

dedicatória, veio um cartão solto entre páginas no qual ele lamentava os descuidos na revisão do texto (Figura 5). Já no final de 1997, saiu a edição com correções de Freire organizadas por Nita.

Alguns anos atrás, Nita Freire muito me honrou ao contar que eu fui escolhido para ganhar o primeiro exemplar do lote da primeira edição de 1997 recebido por Paulo. Isto está escrito na dedicatória de Nita quando me deu a edição de 2007. Pensando no que ela sabia da edição de 1997, ao me dedicar, Nita ressalta sua surpresa ao tomar consciência da prioridade que me atribuiu o “nosso Paulo” (Figura 5, inferior).



Para Márcio esta  
Pedagogia em que,  
estou certo, mais  
uma vez nos encon-  
tramos.

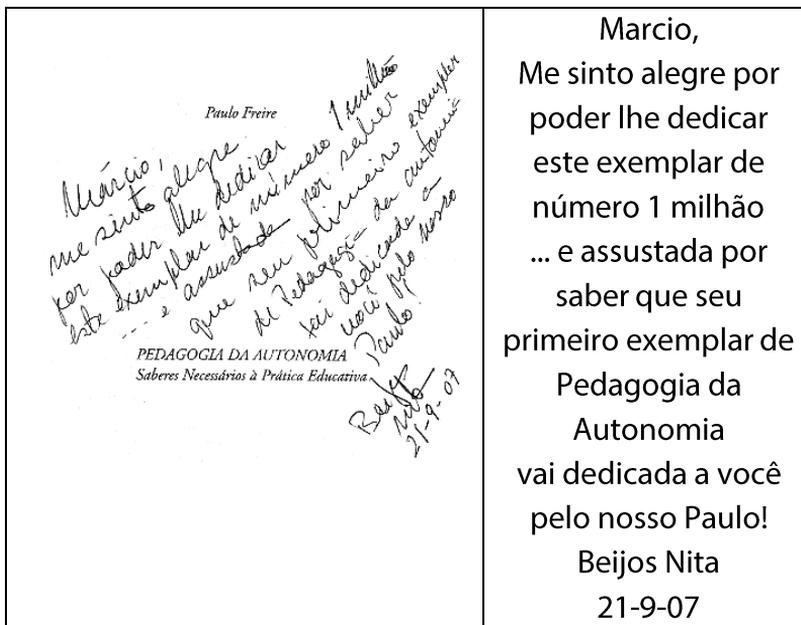
Fraternalmente  
Paulo Freire  
1997

[Encarte de um  
bilhete]

Márcio,

É uma pena que o  
livrinho tenha sido  
tão maltratado pela  
revisão. Está repleto  
de erros.

Paulo.



Marcio,  
Me sinto alegre por  
poder lhe dedicar  
este exemplar de  
número 1 milhão  
... e assustada por  
saber que seu  
primeiro exemplar de  
Pedagogia da  
Autonomia  
vai dedicada a você  
pelo nosso Paulo!  
Beijos Nita  
21-9-07

**Figura 5 - No livro *Pedagogia de Autonomia* a dedicatória e o encarte de um bilhete de Paulo Freire lamentando “que o livrinho tenha sido tão maltratado pela revisão”. Segue uma emocionante surpresa comunicada na dedicatória de Nita já na edição de 2007.**

Fonte: Arquivo do Autor.

No período em que esteve na UNICAMP, Paulo Freire despertou uma benéfica efervescência intelectual influenciada por suas qualidades de gentileza, disponibilidade e simplicidade. Ele participava de inúmeros seminários e grupos de discussão que, com frequência, incluíam a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Lembro que, com alguma predileção, ele se encontrava bastante com equipes das áreas da saúde e do serviço social. Aliás, nos seus tempos do Recife, ele dava aula na Escola de Serviço Social. Nita Freire (2006) comenta:

Em 1947 Paulo foi convidado para fazer parte do corpo docente dessa instituição [Escola de Serviço Social da Universidade do Recife] que marcou, indelevelmente, a compreensão crítica da assistência social no Brasil exatamente quando ele começava também seu trabalho no SESI [Divisão de Divulgação, Educação e Cultura, SESI-PE].

Foi justamente graças à identificação de Paulo com equipes de serviço social que na PUC de Campinas pude conviver com ele entre essas equipes e, entre outros temas, encaminhamos algumas problematizações sobre o que pode estar representado ideológica e politicamente nos planos e projetos de arquitetura e urbanização dos campi, quando são assumidos como cidades, embora de caráter exclusivamente universitário.

## **8. CIDADE UNIVERSITÁRIA, CIDADANIAS, URBANISMO E ASPECTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS**

Entre 1986 e 1987, por iniciativa da Professora Maria Soares de Camargo, da Faculdade de Serviço Social da PUC-Campinas, foi organizada uma sequência de três seminários com a coordenação de Paulo Freire sobre o tema “Universidade e Compromisso Popular” (CAMARGO, 1987). As sessões foram

transcritas e, em uma delas, Paulo me convidou para expor um tema/problema que vínhamos discutindo nessa época sobre as relações entre a “cidade universitária” e a cidade propriamente dita que engloba a primeira.

Diante dos vinte e um anos da ditadura militar, muitas formas de controle podem ser reveladas por um exame dos distintos urbanismos praticados nos campi universitários no Brasil retratados pelo viés ideológico dessas arquiteturas. Durante esta época, grande parte das universidades brasileiras foram fortemente atingidas e prejudicadas por ações repressivas do estado policial no qual vivíamos. Não é à toa que os conjuntos arquitetônicos e urbanísticos dentre os vários campi projetados e construídos nesse período - e mesmo anteriormente -, mostravam as marcas que possibilitavam diversas formas de controle. Por exemplo, a Cidade Universitária da USP, construída em meados da década de 1960, parecia, por um lado, dificultar as interações entre as unidades de ensino e pesquisa, interpostas por grandes quarteirões e jardins. Isso parecia dificultar as aglutinações e as articulações sociopolíticas entre, por exemplo, os alunos das disciplinas “exatas”, “humanas” ou “sociais”.

Por outro lado, o projeto urbanístico do campus da UNICAMP, construído a partir de 1966, foi, nesses anos, propalado como garantindo a máxima interação entre os diferentes cientistas. Os edifícios disciplinares situam-se em “gomos” ao longo de ruas radiais, referidas ao centro imaginado da praça que abriga o prédio das salas de aula para

o “ciclo básico” da graduação, como sugere o próprio logotipo da UNICAMP (Figura 6a)<sup>45</sup>.

No entanto, esse sistema radial, cujo “ciclo básico” se situaria no que corresponde ao lado esquerdo da área branca central do logotipo, não representa assim tanta interdisciplinaridade. Distintas unidades disciplinares de ensino e pesquisa (institutos ou faculdades) situam-se em cada um dos “gomos” do leque de quarteirões do conhecimento. Do lado direito, quando muito, há, isolada, apenas a Faculdade de Educação Física (FEF). Ou seja, como os percursos “disciplinares” são radiais apenas na metade esquerda, quando os professores vão dar suas aulas no “Curso Básico”, caminham por trilhas radiais que não se cruzam. Fossem as trilhas não radiais, mas espiraladas, aí sim, poderiam sugerir e facilitar práticas interdisciplinares. É claro que essa relação entre urbanismos e, particularmente, entre prédios cujas arquiteturas permitem maior controle sociopolítico, nos evocam as discussões de Michel Foucault (1987) sobre prisões em *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, nas quais há forte referência ao Panóptico de Jeremy Bentham em 1785<sup>46</sup>. A Figura 6b mostra um esquema dos irmãos Jeremy e Samuel Bentham para o Panopticon de uma penitenciária (Jeremy

---

<sup>45</sup> Disponível em <<https://www.unicamp.br/unicamp/logotipo>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

<sup>46</sup> Panóptico é o termo que Bentham usa para designar uma penitenciária ideal, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. BENTHAM Jeremy. Panopticon, or The Inspection-House. T. Payne, London, 1791.

Bentham, *Management of the Poor*, Dublin, 1796, plate 1)<sup>47</sup>, reproduzida por Philip Steadman (2012, p. 16). A Figura 6c mostra uma foto do 'Museu marítimo e Presídio do fim do mundo'<sup>48</sup>, em Ushuaia na Terra do Fogo, Argentina, evidentemente inspirada no Panopticon; foto reproduzida por Philip Steadman, (2012, p. 16).



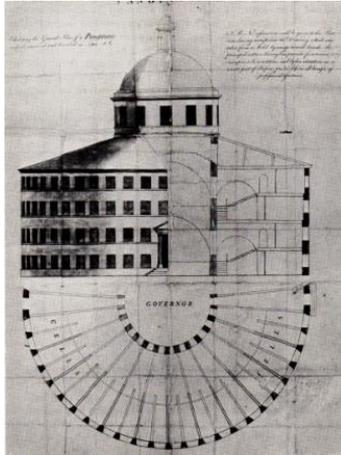
**Figura 6 A**

Fonte: <<https://www.unicamp.br/unicamp/logotipo>>

---

<sup>47</sup> "Figure 7: Jeremy and Samuel Bentham. Design for Panopticon penitentiary, 1787: half-plan, half-section and half-elevation". Disponível em <[https://www.scienceopen.com/document\\_file/57efbc0c-46cf-4938-9bd1-fde8fae18578/ScienceOpen/Article2.pdf](https://www.scienceopen.com/document_file/57efbc0c-46cf-4938-9bd1-fde8fae18578/ScienceOpen/Article2.pdf)>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

<sup>48</sup> "A surpreendente história de como um presídio alavancou Ushuaia". Disponível em <<https://ushuaisobmedida.com.br/presidio-de-ushuaia/>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.



**Figura 6 B**

Fonte: [https://www.scienceopen.com/document\\_file/57efbc0c-46cf-4938-9bd1-fde8fae18578/ScienceOpen/Article2.pdf](https://www.scienceopen.com/document_file/57efbc0c-46cf-4938-9bd1-fde8fae18578/ScienceOpen/Article2.pdf)



**Figura 6 C**

Fonte: <<https://ushuaiasobmedida.com.br/presidio-de-ushuaia/>>

Ainda sobre os urbanismos dos campi, seguem dois extratos dos seminários 'Universidade e Compromisso Popular' (1987), relativos às nossas problematizações com Paulo Freire sobre esse tema:

M.D.C. - Consideremos a nossa condição de cidadãos comuns inseridos no campus universitário, local onde passamos grande parte do nosso tempo. Estranhamente, para a ação política, é frequente o esquecimento deste como espaço de atuação, em benefício de espaços exteriores como, por exemplo, as periferias, genuínos locais de atuação que, junto com a cidade propriamente dita, se separam cada vez mais do próprio campus, contraditoriamente chamado de cidade universitária. Com isso, aparecem aqui diferentes conceitos de cidade, que merecem alguma reflexão: Vale a pena manter esta separação? 'Popular' é o que é externo ao campus? Somos nós cidadãos (povo) da cidade grande, onde o campus é inserido, ou somente cidadãos da Cidade universitária? Nesse sentido, qual seria o papel do "cidadão" da Cidade universitária em relação ao seu grupo restrito, enquanto cidadão da cidade propriamente dita? Devemos atuar só na periferia, ou na cidade, que inclui o campus como parte dela? (CAMARGO, 1987, p. 12).

Tomando por base estas perguntas, reforcemos alguns aspectos que me parecem importantes, reformulando-as da seguinte forma: 1) Quanto uma "Cidade universitária" resiste à categoria de cidade? 2) O que seria a cidadania vivenciada por um "cidadão" da "Cidade universitária" e - se fosse outra - de que maneiras poderia ela se diferenciar da cidadania do

cidadão da cidade envolvedora? O que é vivenciar o campus como cidadão diante do seu “governo”, de sua “prefeitura” e dos inúmeros “bairros”, serviços e comércios, incluindo os “cidadãos” que exercem uma multiplicidade de cargos, empregos e funções no interior dessa “cidade” universitária?

Assim, Freire comenta:

P.F. - Queria comentar a primeira fala do Marcio em torno da compreensão das duas cidades: a cidade universitária e a cidade maior, a sociedade maior, a sociedade global, de que a cidade universitária faz parte.

Neste sentido te digo: essa reflexão tua exige de nós uma compreensão também crítica entre prática e teoria, entre ensinar e aprender.

No momento em que a gente "vive" exclusivamente na cidade universitária, rompemos a relação indissolúvel entre a atividade docente e a de pesquisa dentro da Universidade, e o "que fazer" maior, o "que fazer" da prática social. Então a gente corre o risco de virar apenas cidadão da "urbes" da Universidade e se tornar intelectualista, teoricista, verbalista, arrogante, academicamente arrogante. Achei ótima tua observação, não há como dicotomizar estas duas cidades; elas são uma cidade só, por isto, diante delas, não há como assumir uma posição excludente.

No momento em que digo: estou a um passo da cidade universitária, mas sou um homem quase exclusivamente do mundo popular, da outra cidade, acho que caio em reducionismo, me torno basista e, assim só reconheço a verdade

nas bases populares e na prática. O teórico acadêmico que “vive” nas duas cidades, que entende a contradição entre ambas, ora é minimizado pelo basista, ora pelo intelectualista bla-bla-blante (CAMARGO, 1987, p. 24).

As perguntas acima ainda me perseguem e, mesmo em 1996, mais de um ano antes do falecimento de Paulo Freire, eu orientei, com muita satisfação, uma pesquisa de iniciação científica na graduação em ciências sociais da aluna Luciana Gama de Siqueira, sob o título “Cidade universitária: Urbanismo, fronteiras disciplinares e cidadania” (SIQUEIRA,1996).

Recentemente, o interesse por essa discussão aflorou de novo, quando troquei essas ideias com o amigo e ex-orientando de mestrado, Álvaro de Oliveira D'Antona (Faculdade de Ciências Aplicadas - UNICAMP, Limeira, SP), doutor interessado em população e ambiente. A partir daí, pretendemos criar um grupo trabalho e discussão sobre “Cidade Universitária, cidadania, urbanismo e aspectos político-ideológicos”. No grupo, contaremos com o arquiteto Evandro Zigiatti Monteiro (Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e urbanismo – UNICAMP, Campinas, SP).

A seguir lembro um período no qual Freire ocupou a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP). Esse período foi entre 1989 e 1991, quando estiveram juntos vários amigos das mais diversas áreas de conhecimento e atuação, sempre movidos pelo grande entusiasmo por contribuímos para o sucesso da gestão Erundina e da presença oportuníssima de Paulo Freire à frente da educação na SME-SP.

## **9. PAULO FREIRE, SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO E LEITURAS E ESCRITAS DO MUNDO**

Luiza Erundina foi eleita para ocupar a Prefeitura Municipal de São Paulo entre janeiro de 1989 e janeiro de 1993. No início de sua gestão, empossou Paulo Freire como Secretário de Educação, cargo que ele ocupou até 28 de maio de 1991 (CORTELLA, 1992), e que se viu obrigado a deixar por razões pessoais e intelectuais. Mario Sergio Cortella o sucedeu até o final da gestão de Erundina e, quando Paulo Maluf assumiu a Prefeitura em janeiro de 1993, muitas das importantes conquistas educacionais foram jogadas ao lixo. Apesar de Maluf, algumas destas conquistas estavam inscritas na lei e continuaram.

Entre a Prefeita Erundina e o Secretário Freire, sempre houve um entendimento excepcional. E nada como o testemunho do amigo e sociólogo Vicente Y Plá Trevas (visto ainda jovem na Figura 2), para realçar a capacidade que ambos possuíam de percepção dos espaços e lugares paulistanos. Vicente, saudoso dos encontros de bairro que tinha com Paulo, na Padaria Nova Chamosa, nos conta:

Morador da rua Doutor  
Homem de Melo, coração do bairro das  
Perdizes, em um conjunto habitacional  
premiado, próximo à PUC-SP, Paulo Freire era  
sensível ao seu “pedaço”, à sua aldeia, como  
diria o grande mestre russo. Manteve um  
relacionamento com o jovem PT que ali nascia.  
Era o diretório distrital, frequentado por  
professores, estudantes e militantes oriundos  
das lutas de resistência e do exílio. Essa

“sensibilidade territorial” lhe seria de grande valia quando Paulo assumiu a Secretaria de Educação de São Paulo. Valorizou o desempenho territorial da secretaria, empoderando as delegacias regionais. Fui seu companheiro de Governo como Administrador Regional da Sé (hoje subprefeito) e tive na Secretaria de educação uma grande parceira na gestão do território (Comunicação pessoal, janeiro de 2020).

O discurso de posse tendo sido feito de improviso, foi produzido um documento oficial de preparação para a gestão como Secretário. O documento no qual o discurso foi transcrito tem por título “Construindo a Educação Pública Popular - Aprender é gostoso, mas exige esforço”. Ambos os textos foram publicados por Nita (FREIRE, 2006, p. 289-294, p. 294-298).

Iniciou-se um período de empenho na construção de uma escola pública, democrática e de qualidade. Entre marcas importantes da passagem de Freire pela SME-SP, está a criação do “Movimento de Orientação de Jovens e Adultos” (MOVA), um modelo de programa público de apoio a salas comunitárias de “Educação de Jovens e Adultos” (EJA), adotado até hoje por numerosas Prefeituras e outras instâncias de governo. Na Secretaria, o MOVA se associava ao Programa de Orientação de Adultos da Diretoria de Educação Técnica (EDA-DOT) muito bem conduzido por Regina Inês Villas Boas Estima.

Desde o início da gestão, lembro que tive uma leve participação - mais em algumas discussões do que atuando presencialmente, pois trabalhava em Campinas. Minha participação se deu dentro do “Movimento de Reorientação Curricular (MRC)”, onde vários amigos participaram em uma

proposta interdisciplinar para as ciências naturais - dentre os quais os mais próximos eram Luis Carlos de Menezes, José André Perez Angotti, Demetrio Delizoicov Neto, João Zanetic e Marta Pernambuco, que nos deixou recentemente<sup>49</sup>. Por coincidência, éramos todos físicos, com boa continuidade entre os afazeres profissionais e o engajamento sociopolítico. Havia participação de professores de várias disciplinas. Mas no momento, lembro-me apenas de Maria do Carmo Santos Domiti, a saudosa “Carmo”, da área de matemáticas; e de Nídia Nacib Pontuschka, da geografia, que organizou um livro, publicado em 1993, com uma série de contribuições de várias disciplinas dentro do MRC (PONTUSCHKA, 1993)<sup>50</sup>. Havia, na região do bairro Ibirapuera, uma escola onde o trabalho se intensificou e percebeu-se que, independentemente de que se tratasse de alfabetização ou de perspectiva interdisciplinar, difundiam-se entre todos os alunos as problematizações sobre

---

<sup>49</sup> Obituário de Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, UFRN, Natal. Disponível em <[http://www.ccae.ufpb.br/ccae/cont ents/noticias/comunicado-do-falecimento-da-educadora-marta-pernambuco-ufrn](http://www.ccae.ufpb.br/ccae/cont%20ents/noticias/comunicado-do-falecimento-da-educadora-marta-pernambuco-ufrn)>. Acesso em 5 de fevereiro de 2020. Ver também o editorial por Angotti e Delizoicov, na revista *Ciência & Educação* vol.24 no.4 Bauru out./dez. 2018, sob o título “Quando e como encontros e desencontros parecem implodidos...”. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320180040001>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

<sup>50</sup> Infelizmente Carmo e Nídia faleceram respectivamente em 2015 e 2017. Minha querida amiga Carmo e eu convivemos em vários momentos educacionais, muitos relativos à etnomatemática e também de pura amizade. Compartilho aqui a homenagem que lhe foi prestada pela congregação da Faculdade de Educação (USP): Maria do Carmo Santos Domite (1948-2015), trajetória pela inovação e compromisso sociocultural em prol da educação indígena no Estado de São Paulo - Prêmio USP - In memoriam. Disponível em <<http://www.inovacao.usp.br/wp-content/uploads/sites/300/2019/09/FE-1.pdf>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

os meios de transporte. A meu ver, digamos, transporte não é literalmente um tema gerador freireano, mas um tema para gerar interesse que não necessariamente surgiu do conjunto de educandos com o qual estamos interagindo num contexto natural e sócio cultural local.

Entre a Física e os físicos citados acima, gostaria de destacar o trabalho de Pernambuco, Angotti e Delizoicov, sempre sob a excelente orientação de Menezes. Esse grupo gerou, desde 1979, na USP e a partir dela, trabalhos de educação científica e tecnológica nas Universidades Federais de Santa Catarina (UFSC) e do Rio Grande do Norte (UFRN). Eles visavam o ensino público e tinham por objetivo pesquisar e atuar na transposição da visão de ensino de Paulo Freire para o ensino formal das ciências nas escolas da Educação Básica e outros espaços educativos, lecionando e orientando em cursos de Licenciatura e de PG stricto sensu, Mestrado e Doutorado

Nos trabalhos referidos acima, Demétrio Delizoicov (2008) aborda vários aspectos do ensino de ciências, tais como foram desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação da capital paulistana na gestão de Paulo Freire. O grupo levanta quatro questões básicas para executar o programa de pesquisa e ensino, no qual o contexto local tem fundamental importância, como também o recorrente apelo ao diálogo e à problematização:

- 1- Como você gera tópicos para uma determinada escola?
- 2- Que fatores e variáveis devem ser considerados para estruturar um programa de

ensino de ciências que tenha como referência central os temas geradores?

3- Qual é a metodologia de ensino adequada para a sala de aula que contemple as dimensões dialógicas e problematizantes do processo educacional proposto por Freire (FREIRE, 1981; 1977)?

4 - Que modificações estruturais nas práticas de ensino e no cotidiano ocorrem nas escolas a partir da implementação de uma perspectiva educacional baseada na concepção freiriana? (DELIZOICOV, 2008, p. 39). (Tradução livre do autor).

A coordenadora do Movimento de Reorientação Curricular (MRC) era Ana Maria Saul e faziam parte de sua equipe Meyri Venci Chieffi (educação fundamental), e Zoraide Inês Faustini da Silva (1989 a 1991) e Olgair Gomes Garcia (1992) (educação infantil) e Regina Estima (Educação de adultos). Recentemente, durante a escrita desse artigo, pedi a Meyri que elaborasse o depoimento relativo à Secretaria com Paulo Freire. O que gentilmente foi feito e é mostrado a seguir onde se confirma a importância e a originalidade da passagem de Paulo Freire pela SMSP:

No período de 1989 a 1992, trabalhamos duro, com muito entusiasmo e compromisso. Tínhamos quatro prioridades: 1. Democratização da gestão; 2. Democratização do acesso; 3. Política de educação de jovens e adultos; 4. Nova qualidade de ensino.

Para a tomada de decisões, nós nos organizamos em colegiados participativos desde os conselhos de escola e grêmios estudantis, até os colegiados, central e intermediários.

Valorizamos a carreira docente, construímos, reformamos e equipamos escolas, abrimos novas vagas e instauramos períodos noturnos em muitas unidades escolares.

Foi criado o MOVA (Movimento de Alfabetização de Adultos) e oferecidos cursos de primeiro grau para os jovens e adultos que trabalhavam nas secretarias, instituições e empresas.

Houve consistente discussão curricular por meio de amplo programa de formação de educadores e estímulo a projetos próprios das escolas, bem como a construção da Proposta da Interdisciplinaridade via tema gerador.

Paulo Freire, à frente, iluminava as discussões com entusiasmo e rigor conceitual. Nós, educadores do ensino público e docentes das universidades, criávamos as propostas. A rede municipal reconheceu nosso trabalho e a política educacional construída nessa gestão se constitui, até hoje, uma referência para educadores progressistas e democráticos.

Entre 1991 e 1992, organizamos na SMESP, durante certo período, um grupo de trabalho (GT) semanal para discutir educação infantil com professoras desse setor. Nesses tempos, eu orientava o trabalho de mestrado em educação matemática de Sônia Maria Clareto, que indagava as crianças da escola local da praia de Camburi (Ubatuba-SP): “Como funciona o mundo?”, dialogando sobre as respostas que os mesmos davam através de seus desenhos<sup>51</sup> (CAMPOS, 2019, p. 29-31). Por outro lado, eu observava formas de leituras do mundo, procurando

---

<sup>51</sup> ‘A criança e seus mundos: Céu, Terra e Mar no olhar de crianças da comunidade Caiçara de Camburi (SP)’, Rio Claro (SP), UNESP, 1993.

interpretá-las e analisá-las através de categorias abrangentes e não-disciplinares através de tempos, ritmos e temporalidades representadas em determinados lugares e dentro dos espaços neles construídos. Isso evoca Michel de Certeau, na medida em que, se “o lugar tem o seu próprio”, ou é algo próprio de alguém, como uma caixa de correio, o espaço é uma construção social, ou é socialmente construído. Assim discute Michel de Certeau sobre espaços e lugares (CERTEAU, 1998, p. 201-203).

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua, geometricamente definida por um urbanismo, é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito.

As categorias abrangentes que mencionamos acima – tempo, espaço e lugar – uma vez que não são estritamente disciplinares, transcendem as disciplinas para que possamos problematizar neste ‘domínio transdisciplinar’, ou seja, no estar-no-mundo, onde não se usa “ferramenta disciplinar”. Caso se queira aprofundar alguma problematização, recorre-se ao ‘domínio interdisciplinar’ onde, com o apoio de disciplinas separadas por fronteiras tênues, nos acotovelamos com cada portador de sua “caixa de ferramenta disciplinar”, escolhendo-os em função dos aspectos disciplinares do problema a resolver. A garantia de que, terminada essa etapa, voltemos – sem ferramentas – ao estar-no-mundo, procurando alguma solução à problematização inicial, é fundamental (CAMPOS, 2002, p. 56).

Foi inspirado no belo trabalho de Sônia Clareto e na importância e consequências da noção de leitura-do-mundo de Freire (FREIRE & CAMPOS, 1991), que sugere articular educação e trabalho de campo, que propus, com Sônia, um grupo de trabalho com professores da rede da SME-SP. O estímulo para a criação do GT com o pessoal de educação infantil veio de Olgair Gomes Garcia e de Marisa Garcia que, além de Sônia Clareto, sempre estiveram presentes em nossos encontros. O grupo funcionou entre o segundo semestre de 1991 e o primeiro semestre de 1992, dentro do período de trabalho de campo de Clareto na praia de Camburi (Ubatuba, SP). É evidente que esse fato nos proporcionou um acréscimo de interesse pela convivência e as discussões que tínhamos com esse grupo de professoras na SME-SP.

No decorrer do ano passado, em 26 de outubro de 2019, foi promovida uma 'Homenagem a Luiza Erundina e a Paulo Freire' pelos '30 anos de memória e resistência' passados desde a magnífica gestão da Prefeita e do Educador à frente da SME-SP. O folder publicado a partir desse encontro, assim como a notícia e o vídeo resultantes, podem ser acessados na página da Proposta SUEar (vs. NORTEar) no item 5. INTERAÇÕES, da seção Publicações<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> Proposta SUEar: <<http://sulear.com.br>>. Sobre a proposta SUEar (Wikipedia): Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sulear>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2020.

- Folder da 'Homenagem a Luiza Erundina e Paulo Freire'. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/02/folder-2019-FREIRE-ERUNDINA-1989a92.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2020.

- Vídeo: [https://youtu.be/587GfPV\\_6t0](https://youtu.be/587GfPV_6t0) (3:00:51)

De fato, 1991 foi um ano importante no desenrolar de outras consequências da minha amizade e trocas com Paulo Freire. A primeira teve início em 1989 quando eu e Carlos Alfredo Arguello (físico), Eduardo Sebastiani Ferreira (matemático) e José Camilo dos Santos (educador) - três outros amigos professores da UNICAMP, também amigos de Paulo Freire - partimos numa missão de um mês, financiada pela CAPES, para interagir com dois grupos dedicados à educação em ciências na Penn State University e na Michigan State University, nos EUA.

Num corredor da Penn State University, ocorreram gratas surpresas durante um encontro muito promissor. Fui apresentado a Majid Rahnema, diplomata e ex-ministro da Ciência e Educação Superior (1967-1971) do Irã, que criou o Instituto de Estudos do Desenvolvimento Endógeno. Este instituto se inspirara das ideias educacionais de Paulo Freire e tinha como objetivo criar uma base para o desenvolvimento de um projeto com os homens do campo do Lorestão, província do Irã. Rahnema (1924-2015) se dedicava a problemas relativos à pobreza e aos processos de produção de pobreza pela economia de mercado.

Ao trocar ideias sobre nossos interesses comuns e pedindo notícias de seu amigo Paulo, Majid fez um honroso pedido para que Paulo Freire e eu escrevêssemos um artigo a ser publicado no *o correio da UNESCO*.

---

- Notícia GGN: <https://jornalgggn.com.br/artigos/homenagem-a-luiza-erundina-e-paulo-freire/>  
<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/02/folder-2019-FREIRE-ERUNDINA-1989a92.pdf>.

Durante nossa agradável conversa, percebi claramente que Majid gozava de certa ascendência sobre a revista. Chegando ao Brasil, contentíssimo, comuniquei o convite que nos foi feito. Como naqueles tempos Paulo sentia um especial prazer dialogal na forma de publicar, combinamos uma conversa que seria gravada, transcrita e enviada a Majid. Gravamos durante um dos agradáveis fins de semana na Chácara Poço da Panela de Nita Freire, em Itapevi (SP) (Figura 7). O trabalho de transcrição foi, posteriormente, muito bem cuidado pela artista plástica e educadora ambiental Cléo Toledo e, dessa forma, a 'Leitura da palavra... Leitura do mundo' saiu publicada no início de 1991<sup>53</sup> (FREIRE, CAMPOS 1991).

---

<sup>53</sup> A edição em inglês saiu em dezembro de 1990. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000087663>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2020.



**Figura 7 - Paulo Freire e Marcio D’Olne Campos com Nita Freire, em sua chácara de Itapevi (SP), onde os três trocávamos ideias, sempre com muito prazer, dialogicidade e muitas recorrentes leituras do mundo. Essas fotos foram feitas em 15 de novembro de 1993, por ocasião da comemoração dos 60 anos de Ana Maria “Nita” Freire.**

Fonte: Arquivo do Autor.

Lembremos que em maio de 1991, quando Mario Sérgio Cortella já havia assumido a SME-SP, o mesmo nos brindou com uma reedição dessa conversa com Paulo Freire na qual se permitiu fazer uma inversão no nosso título – “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra”<sup>54</sup> - o que até se justifica, uma vez que a “leitura do mundo” precede a leitura alfanumérica da criança, primeiramente desvelando-se o mundo ao seu redor. Da simpática iniciativa, ao consistente

---

<sup>54</sup> FREIRE, Paulo, CAMPOS, Marcio D’Olne. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra (mimeo). In Cadernos de Formação (CO-DOT-GB I As. 003/91), São Paulo, SP: DOT/SME-SP, 1991.

aporte de Cortella ao nosso texto, destacamos um trecho da sua apresentação:

Por isso mesmo, ao focalizarem aspectos políticos, epistemológicos e metodológicos dessa temática, ambos incorporam à conversa temas como etnociência, transdisciplinaridade, pedagogia do erro, obstáculo ideológico e rigorosidade. Esse conjunto de temas fornece o estofado imprescindível para uma compreensão da realidade que ultrapasse o nível da empiricidade irrefletida, sem cair na absolutização do já conhecido.

O mais forte neste diálogo é que, ao discutirem o lugar do erro na produção coletiva do conhecimento, os dois educadores não fazem a perigosa apologia ao “errar é humano” – justificativa primária para atitudes inconsequentes – mas identificam o espaço que a aceitação do erro deve ter no próprio processo de elaboração da leitura do mundo e, nela, da leitura da palavra.

Afinal, um dos esteios que sustentam a dominação e a discriminação de classes é precisamente o estabelecimento de padrões, normas e valores fechados que balizam, plasticamente, os comportamentos e interpretações que os dominados devem seguir, para poder “estar no caminho certo”. Ora, essa postura é autoritária e cruel, na medida em que impulsiona, autofagicamente, os mecanismos da alienação e fratura a liberdade coletiva.

Se algum humano não é livre, nenhum o é; ao contrário da “regra”, a minha liberdade acaba quando acaba a do outro. É neste espírito que convidamos os leitores a compartilhar desta conversa que, certamente, despertará indagações, concordâncias e confrontos, mas que não nos deixará indiferentes.<sup>54</sup>

Voltando ao corredor da Penn State University, eis que se aproxima um personagem magro, alto, cuja fisionomia não me era muito estranha. Majid me apresenta então a seu amigo comum com Paulo Freire, nada mais nada menos do que o ilustre Ivan Illich, autor em 1971, do livro *Sociedade sem Escolas* e criador em 1961 do igualmente renomado Centro Intercultural de Documentación (CIDOC) em Cuernavaca, no México, centro de investigação onde se ministravam cursos aos missionários da América do Norte e que, por conflitos com o Vaticano, foi fechado em 1976.

Objetivos confluentes, embora com diferentes perspectivas e abordagens, são discutidos por Peri Mesquida (2007) em “O diálogo de Illich e Freire em torno da educação para uma nova Sociedade”, assim resumidos na introdução ao seu artigo:

... a pesquisa sobre “As epistemologias que fundamentam a teoria da educação de Paulo Freire” procura refletir sobre o pensamento de Ivan Illich e Paulo Freire, dois autores que viveram na mesma época, dialogaram, se aproximaram e se distanciaram, mas que deram uma importante contribuição para a reflexão sobre a escola e sobre a educação na América Latina. Procuramos aqui sustentar a tese de que, da mesma maneira que Ivan Illich defendeu a desescolarização da sociedade, Paulo Freire, por sua vez, bateu-se pela desescolarização da educação, tendo como objetivo a libertação do homem e da mulher oprimidos, excluídos do sistema capitalista de produção. Se Paulo Freire acreditava que os círculos de cultura poderiam substituir a escola e virem a ser *loci* de construção da autonomia e da liberdade, em um

ambiente de intercâmbio de saberes e de saber-fazer, Ivan Illich pensava que seria necessário criar redes pedagógicas de comunicação capazes de aproximar os homens e estimular a troca de conhecimento em um ambiente “convivial” e produtivo. Isso porque, para ele, a escola atual está a serviço do mercado, produzindo consumidores destituídos de crítica e de autonomia, portanto, carentes de liberdade.

Ainda em 1991 e também com Cléo Toledo, na época trabalhando na CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), publicamos um livro paradidático ilustrado e destinado a crianças em torno de dez anos: ‘A Ecologia de Cada Dia, Educação Ambiental, 1º grau’ (TOLEDO; CAMPOS, 1991). Esse livro circulou por inúmeras escolas brasileiras graças à sua aquisição e distribuição pela Fundação para o Livro Escolar (FLE) e pode ser acessado no site SULEar<sup>55</sup>.

Sobre a arte nessa obra, é interessante assinalar que Cléo Toledo usou uma técnica bastante interessante para as ilustrações. Uma vez obtida uma cópia xerográfica em preto e branco de uma fotografia, essa pode, eventualmente, receber desenhos recortados e colados, sendo então o todo da prancha colorido com lápis de cor. A grande satisfação para nós, Cléo e eu, foi contar com uma elogiosa carta de Paulo Freire no início da publicação. Não só elogiosa, mas certa, ao realçar com muita propriedade o que pretendíamos com essa obra (Figura 8):

---

<sup>55</sup> Site SULEar: <<http://sulear.com.br/texto07.pdf>>

*Meus caros Cléo e Marcio,*

*Li com cuidado, mas sobretudo com prazer, o livro de vocês. A gente se sente bem ao surpreender que, de repente, entra no livro como personagem, sem perder a condição de leitor.*

*Há uma qualidade para mim fundamental no trabalho de vocês: sem virar medianamente “catequético”, sem pretender “escolarizar” o leitor, ele não perde oportunidade no sentido de ir tomando-se um desafio ao pensar certo ou crítico do leitor, menino ou não, pouco importa. No fundo, o que ele busca é ensinar a pensar certo, algo de que tão longe andamos em nossa prática educativa. Mas precisamente porque não é possível ensinar a pensar pelo pensar, ou no ar, abstratamente, o livro centra sua tarefa na boniteza do cotidiano, na compreensão transdisciplinar do meio ambiente, no uso, cada vez mais correto, dos “instrumentos escondidos” do “laboratório vivencial” — a vida mesma — para usar expressões ao gosto de vocês.*

*Quero felicitá-los pelo trabalho, mas, principalmente, dizer aos leitores e leitoras da importância não apenas de lerem este livro, mas de se comprometerem com o seu sonho radical — o de ensinar a pensar certo.*

*Fraternalmente,*



*Paulo Freire*

*São Paulo, janeiro, 1991.*

**Figura 8 - Carta introdutória de Paulo Freire ao livro *A Ecologia de Cada Dia, Educação Ambiental*'**

Fonte: Arquivo do Autor.

Em abril de 1991, foi fundado em São Paulo o Instituto Paulo Freire (IPF), coordenado por Moacir Gadotti, para estender e elaborar as ideias de Freire. O instituto mantém até hoje grande parte dos arquivos do educador, além de realizar numerosas atividades relacionadas com o legado do pensador e a atuação em temas da educação brasileira e mundial<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Disponível em <<https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

Note-se que grande parte de coisas, memórias e textos de Paulo Freire tem sido também preservada por Ana Maria “Nita” de Araujo Freire, que vem recuperando e publicando textos inéditos. Nita tem criado edições comentadas dos trabalhos do marido, assim como escrito narrativas sobre Paulo, sua convivência com ele e os conteúdos de sua obra.

## **9. SULEAR VS NORTEAR - ESPERANÇAS SULEADAS POR FREIRE A PARTIR DA ‘PEDAGOGIA DA ESPERANÇA’**

Continuando nas lembranças de 1991, nesse ano eu desenvolvia um trabalho com professoras dos anos iniciais do ensino fundamental em duas escolas municipais de Campinas.

Nessas experiências, trabalhei, sobretudo, mais com as professoras do que com os alunos e me deparei com questões preocupantes. Havia uma drástica dispensa das necessárias leituras do mundo – especialmente nos fenômenos da natureza terrestre ou celeste - por oposição à importância que era atribuída à leitura de qualquer texto que tratasse, ainda que ficcionalmente, sobre o fenômeno que não seria observado. Certa vez, perguntando a uma professora se as crianças olhavam de vez em quando para o céu, o Sol e a Lua, recebi a seguinte resposta: “Não, mas nessa semana mesmo, eu li com eles um texto sobre a Lua.” Se me lembro bem, tratava-se de um texto literário. Nada contra, mas...

Nesse mesmo período, eu me ocupava de uma disciplina eletiva – ‘astronomia a olho nu’ -, preocupado com a exigência absurda de que só se poderia falar do céu ou saber sobre ele se interusermos entre nós e o céu um telescópio. E, enquanto

isso, nossas escolas ensinam os pontos cardeais por uma regra indevidamente importada do Hemisfério Norte, pela qual deve-se apontar a mão direita para o nascer do Sol, para que assim tenhamos o norte à nossa frente, etc. Diz-se e escreve-se igualmente nos livros que, à noite, devemos nos orientar pelo Cruzeiro do Sul. Ora, a nossa regra deveria, com toda a coerência de leitura do mundo, apontar a mão esquerda para o Sol nascente. Assim à noite estaríamos de frente para o Cruzeiro do Sul, a constelação consagrada no nosso hemisfério para, por um procedimento especial, encontrarmos o sentido do sul. No Hemisfério Norte, a Estrela Polar sugere o sentido do norte.

O comentário acima é de extrema importância para a educação básica. Como consequência natural, gera o aprofundamento de discussões de natureza geopolítica, especialmente nas relações entre os dois Hemisférios Sul e Norte (CAMPOS, 2019) e nas relações Sul-Sul (ROCHA, 2019). Foi pensando nestes argumentos e dando significado a esse modo de orientação espacial, que cunhei, em 1991, o termo SULEar por oposição a NORTEar, já existente no português brasileiro. Do mesmo modo, o Sol nascente é um recurso para se ORIENTar. Sobre o Sul que nos é nem tão arraigado como deveria, o amigo Antônio Carlos Silva Júnior, pesquisador em linguística aplicada e professor de espanhol no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS), produziu em 2018 na Wikipedia um verbete 'Sulear' que é o que melhor sintetiza meu pensamento e a história a partir da criação desse termo. Reproduzo abaixo os dois primeiros parágrafos do verbete:

O termo Sulear problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo nortear (norte: acima, superior; sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à ótica do sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o norte é apresentado como referência universal.

O vocábulo é um posicionamento crítico às representações geradas pelas referências espaciais e de orientação entre o eixo Norte-Sul e as tensões oriundas dessa relação. Tais representações transcendem para as leituras do mundo, os pontos de vista, através da História, da Geografia, da Literatura e das falas que marcam as percepções do entorno. (<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sulear>>).

Paulo Freire gostou e aderiu ao termo e, em 1992, se serviu dele em seu livro *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1992, p. 24, 218), pedindo-me para preparar, junto com Nita Freire, a nota explicativa nº 15, encontrada na página 218 de seu livro<sup>57</sup>.

Com o prestígio e o incentivo de Paulo, manifestados na inclusão em sua obra do termo *SULear*, a proposta Sulear passou a se tornar bem conhecida e, partindo de minhas críticas ao ensino inapropriado, que importa regras práticas do Hemisfério Norte para ensinar orientação espacial no

---

<sup>57</sup> Além da nota 15 no livro de Freire, encontra-se na seção 'Curtas' do site *SULear*, o comentário "Paulo Freire adere ao *SULear*" e ao final do texto, o link para extratos reunidos das páginas do livro onde há referências a *SULear*, assim como a cópia da gentil dedicatória que me escreveu Paulo Freire. Comentário disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/curtas/>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020. Extratos do livro referidos a *SULear*: Campos, M. D. Paulo Freire adere ao *SULear* (extratos), (mimeo) Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <[http://www.sulear.com.br/textos/p\\_freire\\_sulear.pdf](http://www.sulear.com.br/textos/p_freire_sulear.pdf)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

Hemisfério Sul, logo passamos a abordar criticamente as consequências geopolíticas que surgem dessa reflexão, bem ao gosto freireano. Assim, já por volta de 1998, tomei conhecimento da existência de um grupo *modernidad/colonialidad*<sup>58</sup> integrado por acadêmicos latino-americanos e dedicado a criticar a marca eurocêntrica – ou NORTEada - sobre saberes e práticas que deveriam ser originários, contextualizados e próprios do Sul. Em 2019, organizei uma coletânea de doze artigos de diferentes origens disciplinares pautados por essa proposta. Essa coletânea se denominou Dossiê SULEar<sup>59</sup> e foi publicada na *Revista Interdisciplinar Sulear* da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

---

<sup>58</sup> Disponível em <[https://es.wikipedia.org/wiki/Grupo\\_modernidad/colonialidad](https://es.wikipedia.org/wiki/Grupo_modernidad/colonialidad)>. Acesso em 7 de fevereiro de 2020. Ver também a obra básica de Edgardo Lander (org.), 'La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas, Colección CLACSO, 1993. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/lander.html>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2020.

<sup>59</sup> Dossiê SULEar (SULear em espanhol), CAMPOS, Marcio D'Oliveira (Org.), *Revista Interdisciplinar Sulear*, Ano 2, No 2, Set. de 2019. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SULear.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2020. A partir de março de 2020, esse texto estará igualmente disponível em <<http://revista.uemg.br/index.php/Sulear/issue/view/277>>.

## **10. ECO-92 PAULO FREIRE E PATATIVA DO ASSARÉ NUMA MESA REDONDA SOBRE MEIO AMBIENTE. ENTRE OUTROS E COM A VIOLA DE VALDECK DE GARANHUNS**

Dez anos depois da Conferência de Estocolmo de 1972, foi a vez do Rio de Janeiro hospedar, entre 3 a 14 de junho de 1992, a *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento*, mais conhecida como ECO-92.

Desde meados dos anos 80 eu trabalhava com o biólogo e antropólogo Darrell A. Posey e equipe no Projeto Kayapó na Aldeia Gorotire (PA), desenvolvido a partir do Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG, Belém, PA).

Com Posey organizamos para a Rio-92 uma semana de eventos realizados entre o auditório do BNDES e o Circo Voador que se denominou *Parlamento da Terra: A Terra fala através de seus povos*<sup>60</sup>. Para isso convocou-se uma boa equipe de conteúdo e produção para essa semana,<sup>60</sup> que teve abordagem interdisciplinar sobre as diversidades biológica e cultural, fazendo convergir e interagir diversas culturas em manifestações intelectuais, culturais e artísticas

Além de outros eventos, me encarreguei em 5 de julho de uma mesa redonda intitulada *Educação Ambiental, Leitura e Representações do Mundo, Conscientização para Salvar o Planeta*. Fora dois participantes que chegaram de última hora e de quem não me lembro o nome, estiveram conosco Paulo Freire, Patativa do Assaré, Valdeck de Garanhuns (Valdeck

---

<sup>60</sup> 'Parlamento da Terra': Darrell Posey, Elaine Elisabetsky, Marcio D. Campos, Berta Ribeiro, Paulinho Paiakan, May Waddington e Marta Maia.

Costa de Oliveira: ator, músico, teatro de mamulengo), José Lutzenberger<sup>61</sup>, Miguel Grimberg<sup>62</sup> (Argentina) e Marcos Reigota (educação ambiental, UNISO).

Tanto a preparação como todo o decorrer desse evento tiveram aspectos interessantes e emocionantes. Marta Maia trabalhou na produção e tinha o contato inicial com Patativa no Crato (CE). De um lado, Paulo Freire nos dizia honrado por afinal conhecer Patativa e estar com ele. Por outro, Patativa dizia nos telefonemas: “mas eu vou me sentar do lado do Professor?!” Tivemos também que lidar com seu medo de avião. A conversa entre os dois foi excelente. As intervenções de Patativa surgiam com poesias antigas e repentes acompanhados no violão por Valdeck de Garanhuns.

Infelizmente o técnico de vídeo que nos assistia era estadunidense e desapareceu junto com todos os vídeos de registro do Parlamento da Terra, indo para seu país e jamais dando notícia.

Dois dos participantes nos deixaram seus emocionados testemunhos:

- Marcos Reigota:

“Em 1992 eu coordenava o projeto *A Voz das Crianças* e atuava como professor bolsista na UNICAMP e na USP. Eram muitas as atividades preparatórias à Rio-92 e eu não tinha

---

<sup>61</sup> José Lutzenberger. <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Lutzenberger](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lutzenberger)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

<sup>62</sup> Miguel Grimberg; Disponível em <[https://es.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_Grinberg](https://es.wikipedia.org/wiki/Miguel_Grinberg)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

noção do que me aguardava o convite do Marcio. Participar de uma mesa ao lado do Paulo Freire (meu professor no mestrado), do José Lutzenberger (cujo “Manifesto Ecológico” foi fundamental na minha formação) e do Patativa do Assaré (cuja importância eu aprendi com o Belchior e o Pessoal do Ceará) foi um desafio enorme. No evento eu senti que ninguém estava interessado em ouvir um jovem doutor todo arrumadinho. Me enganei vendo uma das fotos 27 anos depois. Enquanto eu falo, Paulo Freire está olhando para mim e segundo a Nita Freire, prestando muita atenção no que eu dizia. Na mesma foto vejo que do outro lado da mesa está o Davi Kopenawa. Naquele momento já estava em gestação o livro *A Queda do Céu*, cujo impacto no meu trabalho e práticas pedagógicas é da ordem do inexplicável.”

- Valdeck de Garanhuns: Lembranças da ECO-92

São boas minhas lembranças da ECO 92, antes durante depois eram muitas esperanças. Esperávamos mudanças na nossa realidade pois temos capacidade e muito amor pra lutar defender e preservar nossa biodiversidade.

Já são vinte e sete anos depois do famoso evento, mas o processo é mui lento pra realizar os planos. A vida com seus enganos muda o que a gente planeja, porque o que se deseja até ser realizado, demora um tempo danado na empreita da peleja.

O encontro foi bonito com um povo bom e educado, mas foi pouco o resultado e a Natura ainda dá grito. É conflito e mais conflito mentira, briga e arrogância, o poder e a ganância causando destruição; e quem quer preservação morre em plena militância.

Para mim o que ficou desse evento majestoso foi o encontro precioso que a vida nos ofertou. Paulo Freire me encantou com simplicidade e fé porque a vida assim é; repleta de alegria. E quem me fez companhia?! Patativa do Assaré.

Paulo Freire, conheci, com Patativa viajei, de poesia falei foi bonito o que eu vi. Com os indígenas vivi momentos de afeição peguei o meu violão Patativa e eu cantamos E com versos encerramos A bela reunião.



**Figura 9 - Um dos momentos da mesa redonda que evoluiu por cerca de cinco horas com chegada e saída de alguns participantes inesperados**

Fonte: Arquivo de Valdeck de Garanhuns



**Figura 10 - No pátio do BNDES conversam Paulo Freire, Valdeck de Garanhuns e Patativa do Assaré.**

Fonte: Arquivo de Valdeck de Garanhuns

## **11. DAS PALAVRAS GERADORAS AOS FENÔMENOS GERADORES: LEITURAS DO MUNDO NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**

Freire propôs que em dado local onde se desenvolva um processo de alfabetização, é importante que os alfabetizandos mantenham familiaridade com as temáticas abordadas, com o que se comenta como também com os fenômenos naturais e sociais que ocorrem no contexto no qual se vive. Por isso, no início de cada processo que use o Método Paulo Freire, é importante que se levante um conjunto das palavras mais familiares usadas no dia-a-dia do local, ou seja, um “vocabulário mínimo”. Este constitui o universo vocabular próprio dos grupos com os quais se trabalhará.

Attico Chassot, amigo químico, há muito dedicado à educação em ciência, auxilia minha reflexão sobre a leitura de fenômenos no nosso entorno com o seguinte trecho do livro

*Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.* Chassot defende, como depois amplia, “que a ciência seja uma linguagem; assim, ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem em que está escrita a natureza. É um analfabeto científico aquele incapaz de uma leitura do universo” (CHASSOT, 2003, p. 91).

A diferença entre um processo de alfabetização propriamente dito (leitura da palavra) e o de uma alfabetização científica (leitura do fenômeno natural ou social) levanta o problema de como trabalhar com e a partir do contexto observacional local. Pois, ao contrário da possibilidade de se contar com um conjunto finito de palavras geradoras próprias do contexto local, o número de ‘fenômenos geradores’ é incontrolavelmente grande e somos incapazes de prever a vivência dos eventos que ocorram com mais frequência do que infinitos outros. Como alternativa, recorreremos a uma leitura dos fenômenos escolhendo categorias de análise fundamentais e abrangentes, de certo modo universais e não disciplinares. Essas devem ser tais que transcendam as disciplinas e quando aplicadas, explicitem o contexto local no qual se trabalha. Uma boa escolha parece ser: tempo, espaço e lugar.

Num dado lugar, haverá certamente modos locais pelos quais tempos, temporalidades e ritmos próprios são representados no lugar e nos espaços socialmente construídos nesse contexto. É nesse estar-no-mundo, domínio indisciplinado, onde é melhor que ocorram as perguntas e problematizações iniciais. Caso a problematização não seja satisfatória nesse domínio que é transdisciplinar porque

transcende as disciplinas, pode-se recorrer ao aprofundamento da análise num domínio interdisciplinar onde se poderá circular entre uma equipe de especialistas. Assim, busca-se uma melhor forma de resolver o problema com as “caixas de ferramentas” das disciplinas associadas a cada membro da equipe. Decorrido o percurso interdisciplinas e, uma vez satisfeitos, devemos voltar ao estar-no-mundo do domínio transdisciplinar onde surgiram as perguntas iniciais, agora, e de novo, sem dispor das “ferramentas disciplinares” (CAMPOS, 2002, p. 56 a 62)<sup>63</sup>.

Com essa discussão vemos que o artefato do vocabulário mínimo corresponde, na leitura do mundo, à busca das representações de tempos no espaço e no lugar. Dessa forma, assim como as palavras geradoras do vocabulário mínimo — os fenômenos geradores e seus tempos representados no lugar e nos espaços, também nos conduzem aos temas geradores de discussão, alfabetização e leitura crítica do mundo – porque problematizadora - a partir do que ocorre no contexto local.

As duas formas de leitura (palavras e fenômenos geradores) para gerar temáticas de discussão (temas geradores) se diferenciam apenas quanto às especificidades dos espaços de leitura e escrita da palavra e os de leitura e escritas/inscrições (dados, indícios) do/no mundo. O que se diferencia mais entre as leituras da palavra ou do fenômeno são os mediadores aos quais se recorre para a contextualização. No

---

<sup>63</sup> Ver apresentação Power Point (\*.ppt): CAMPOS M D, Leitura do mundo interdisciplinar e transdisciplinar. In 2.: TEXTOS E OUTROS DE APOIO A CURSOS/2020.1.toac. Disponível em <gerador>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

quadro a seguir procuramos esquematizar essas considerações:

<b>Fenômeno</b>	<b>Mediadores para a contextualização</b>	<b>Temas e temáticas</b>
Palavra geradora	Vocabulário mínimo do contexto local	Tema gerador
Fenômeno gerador	Tempos representados nos espaços e no lugar	Tema gerador

Com Paulo Freire, chegamos a refletir por algumas vezes sobre essa abordagem da leitura do mundo via fenômenos geradores e justo em março de 1997 viajamos simultânea e independentemente para o exterior e nos prometemos trabalhar sobre essa problemática na volta. Já havíamos voltado fazia uma semana e de repente, com muita tristeza, recebi um telefonema de minha filha, avisando que nosso amigo Paulo acabava de nos deixar em São Paulo, 2 de maio de 1997.

Só retomei essa discussão em 2004 com Celia Jaqueline Sanz Rodriguez (CAMPOS, SANZ, 2004, p. 48-63) que na época terminava seu mestrado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Vitória) sob minha orientação.

Entre 15 e 18 de agosto de 2019, encontrei bons amigos com alto engajamento educacional e sociopolítico na Universidade Federal de São João Del Rei durante o V Simpósio Mineiro de Educação Química (V SMEQ). Nele participei da mesa-redonda *De(s)colonização da Educação Química*. Lá conheci Maria Stela da Costa Gondim que se doutorou

brilantemente no final de 2019 com a tese *A história de um Bordado: saberes populares como temas geradores de uma educação CTS na formação de professores de Química* (GONDIM, 2019). Acrescente-se a essa motivação e presença na sua tese de palavras-chave como Paulo Freire, Saberes populares, Interculturalidade crítica e decolonialidade. Nada seria melhor do que contar com essa providencial coautoria para tratarmos de fenômenos geradores em memória de Paulo Freire. No entanto, com extrema tristeza e imensa saudade, perdemos Stela em 29 de agosto de 2020<sup>64</sup>.

## **12. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA SEMPRE PAULO FREIRE**

O governo de extrema direita no Brasil a partir de 2019 - especialmente nas pessoas de seu chefe e do ministro da educação, ambos com nenhum apreço pela educação, a cultura e a trajetória de Paulo Freire -, tem tentado, em vão e post-mortem, aviltar a imagem de Paulo Freire, assim como seu justo título de Patrono da Educação Brasileira, atribuído por lei e por alto merecimento em 2012. Os insultos a Paulo Freire a partir de 2019 só fizeram crescer admiravelmente a venda de seus livros.

Para concluir esse texto em homenagem ao nosso Patrono, nada melhor do que demonstrar sua força e a dos que em Paulo Freire confiam, lembrando duas tentativas significativas de agredi-lo e de cercear sua palavra – tentativas

---

<sup>64</sup> Nota de falecimento - Profa. Maria Stela da Costa Gondim. Disponível em <<http://www.sbgq.org.br/ensino/noticia/nota-de-falecimento-profa-maria-stela-da-costa-gondim>>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.

essas superadas por sua força e dignidade e por seus amigos, assim como os que a ele aderem sendo educadores. As tentativas partiram, por um lado, do General Geisel, que assumiu a presidência (1974-1979) no final dos 'Anos de Chumbo' (1968-1975). Por outro, tiveram origens em disputas envolvendo atitudes autoritárias vindas apenas do lado das tendências teóricas e de política educacional conteudista, dentro da própria academia. Paulo Freire, que sempre privilegiou os contextos socioculturais locais e a pedagogia do oprimido, venceu pela palavra mais uma vez.

Foram ameaças-exemplos de autoritarismos para não deixar que Freire pense conosco como sempre o fez, e fará, nas suas muitas formas de presença entre nós, sempre possibilitadas pela sua memória e seu legado. Ou seja, por uma "educação como ato de amor, por isso, um ato de coragem", educação no diálogo para a prática da liberdade.

### **- Merecido "Prêmio Mohammad Reza Pahlavi" a Paulo Freire e à revelia do ditador Geisel**

Em 1975 realizou-se um dos encontros de educação de adultos unido à "Jornada Internacional de Alfabetização", em Persépolis, Irã sob a chancela da UNESCO<sup>65</sup>. Paulo Freire, era convidado de honra e deveria pronunciar um discurso antes e ser agraciado com o prêmio "Mohammad Reza Pahlavi".

Às vésperas do encontro, o governo militar brasileiro pediu a expulsão de Paulo Freire como persona non grata no Irã. Para

---

<sup>65</sup> UNESCO. Final Report for International Symposium for Literacy, Persepolis, Iran, 1975. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000200620>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

isso, a "diplomacia brasileira" afirmava tratar-se de "pessoa perigosa e inimigo do Brasil". Embaraçado, o Xá convocou sua irmã e Majid Rahnema para resolverem o que fazer. Pois uma das indicações de Paulo para o prêmio tinha sido sugerida e endossada por Majid, ex-ministro da Ciência e Educação Superior (1967-1971) do Xá. Não é à toa que Rahnema era um pesquisador atuante sobre problemas da pobreza e processos da produção de pobreza pela economia de mercado.

Majid afiançou o "subversivo", garantindo sua lisura e explicando o motivo do gesto autoritário e retaliador do governo ditatorial brasileiro. Antes do discurso e do prêmio ser recebido, a comitiva brasileira (Mobral) presente no encontro e constituída por educadores do Movimento Brasileiro de Alfabetização, retirou-se do recinto comandada pelo presidente do Movimento. Nita Freire, indignada, comenta numa nota de rodapé esse fato unindo os sentimentos contraditórios de Paulo nesse momento:

Não sem dor, contou-me Paulo, lembrando o momento dramático em que, acintosamente, seus compatriotas, um a um, foram saindo do local, deixando-o "sozinho". A compreensão estreita e malvada dos donos do poder de então não suportou sequer presenciar tão honrosa homenagem à inteligência brasileira. Enquanto Paulo era proclamado como um grande educador do mundo, a ditadura preferiu continuar insistindo em que ele seria "comunista e ignorante", como o classificaram após o golpe de março de 1964. (FREIRE, 2001, p. 136).

## **- Faculdade de Educação da UNICAMP e o Parecer de Rubem Alves sobre Paulo Freire**

Parece que por alguma razão inconsequente, um grupo de professores da faculdade onde Paulo Freire já ensinava, depois da volta do exílio (FE-UNICAMP), fez com que a reitoria da Unicamp pedisse ao Conselho Diretor, na pessoa do Professor Titular Rubem Alves, um "Parecer sobre Paulo Freire" – condição para que Freire pudesse ascender oficialmente ao último nível da carreira. Sobre isso, Nita Freire escreve antecedendo a transcrição do parecer e referindo-se ao incidente no prêmio no Irã: "Antes coisas da ditadura militar, agora "coisas do entulho autoritário", na exigência da "legitimidade" para torná-lo Professor Titular." (FREIRE, 2006, p. 279). A seguir o primoroso não-parecer do ilustre Rubem Alves, em 25 de maio de 1985:

O objetivo de um parecer, como a própria palavra o sugere, é dizer a alguém que supostamente nada ouviu e que, por isso mesmo, nada sabe, aquilo que parece ser, aos olhos do que fala ou escreve. Quem dá um parecer empresta os seus olhos e o seu discernimento a um outro que não viu e nem pôde meditar sobre a questão em pauta. Isto é necessário porque os problemas são muitos e os nossos olhos são apenas dois...

Há, entretanto, certas questões sobre as quais emitir um parecer é quase uma ofensa. Emitir um parecer sobre Nietzsche ou sobre Beethoven ou sobre Cecília Meireles? Para isso seria necessário que o signatário do documento fosse maior que eles e o seu nome mais

conhecido e mais digno de confiança que aqueles sobre quem escreve...

Um parecer sobre Paulo Reglus Neves Freire.

O seu nome é conhecido em universidades através do mundo todo.

Não o será aqui, na UNICAMP? E será por isto que deverei acrescentar a minha assinatura (nome conhecido, doméstico), como avalista?

Seus livros, não sei em quantas línguas estarão publicados. Imagino (e bem pode ser que eu esteja errado) que nenhum outro dos nossos docentes terá publicado tanto, em tantas línguas. As teses que já se escreveram sobre seu pensamento formam biografias de muitas páginas. E os artigos escritos sobre o seu pensamento e a sua prática educativa, se publicados, seriam livros.

O seu nome, por si só sem pareceres domésticos que o avalizem, transita pelas universidades da América do Norte e da Europa. E quem quisesse acrescentar a este nome a sua própria "carta de apresentação" só faria papel ridículo.

Não. Não posso pressupor que este nome não seja conhecido na UNICAMP. Isto seria ofender aqueles que compõem seus órgãos decisórios.

Por isso o meu parecer é uma recusa em dar um parecer. E nesta recusa vai, de forma implícita e explícita, o espanto de que eu devesse acrescentar o meu nome ao de Paulo Freire. Como se, sem o meu, ele não se sustentasse.

Mas ele se sustenta sozinho.

Paulo Freire atingiu o ponto máximo que um educador pode atingir. A questão é se desejamos tê-lo conosco.

A questão é se ele deseja trabalhar ao nosso lado.

É bom dizer aos amigos: Paulo Freire é meu colega. Temos salas no mesmo corredor da Faculdade de Educação da UNICAMP...

Era o que me cumpria dizer.

Em 12 de julho de 1985, a publicação no Diário Oficial do estado confirmou a merecida promoção de Paulo Freire a Professor Titular.

Desse modo, encerro tomando emprestada a expressão que conclui o discurso de muitos caciques indígenas: “É assim que é”.

Para sempre Paulo Freire!

### **- Agradecimentos**

Com este artigo me senti extremamente gratificado por reencontrar e reconsolidar velhas e novas amizades, marcadas por Paulo Freire nos anos 1960 e mais tarde dos anos 1980. Amizades estas que merecem meu profundo agradecimento pelo muito do que trocamos neste prazer dos intensos exercícios de memória. Preciosas e incansáveis revisões, acompanhadas de bons conselhos, foram feitas por Cristina Martins Fargetti e Angela Xavier de Brito. Outras revisões e gratificantes discussões e sugestões de conteúdo vieram de Luiz Alberto Gómez de Souza, Carlos Eduardo de Senna Figueiredo, Vicente Y Plá Trevas, Marcos Guerra, Maria do Carmo Ibiapina, Teresa Rodrigues Belda, Lucia Lippi, Inês Quental, Aldo Arantes, Otávio Velho, Moacir Palmeira, Jacques Velloso, Marcos Reigota, Meyri Venci Chieffi e Marisa Garcia. Por valiosas conversas e sugestões, agradeço também a José Camilo dos Santos Filho, Mario Sergio Cortella, Alípio Casali, Maria Soares de Camargo, Sônia Clareto, Álvaro de Oliveira D'Antona, Marco Antonio Pontes, Maria Victoria Benevides, Miguel Darcy de Oliveira, Rogério Belda, Rosiska Darcy de

Oliveira, João Colares da Mota Neto, Aline Leme da Silva e Ana Rocha. Madalena Mattos Pontes esteve sempre cuidadosa e presente no cotidiano amoroso de nossas preciosas trocas, com ideias e ofertas de boas sugestões.

Valdeck “de Garanhuns” Costa de Oliveira, além de contribuir poeticamente, foi de extrema cordialidade, fornecendo suas fotos da ECO-92, as quais eu já perdera esperanças de recuperar. No Núcleo de Memória da PUC-RIO, a amiga e coordenadora Margarida “Guida” de Souza Neves juntamente com Clovis Gorgonio e Eduardo Gonçalves, foram de extremo auxílio fornecendo as fotos e registros de jornais de 1963.

Antonio Carlos Figueiredo Costa, caro amigo e nosso editor, com quem trocava ideias na elaboração deste texto, foi sempre paciente na concessão de prazos e outros aconselhamentos durante a elaboração do artigo.

Gratidão a Luiza Erundina de Souza que, sempre atenta à educação, inaugurou sua gestão na Prefeitura de São Paulo (1989-1993) com Paulo Freire como Secretário de Educação. Ainda hoje nos recebe e participa em seu escritório paulistano do Coletivo Paulo Freire, composto dos que colaboraram com o educador na secretaria.

Por fim, agradeço a Ana Maria “Nita” de Araújo Freire pela sempre querida amizade e sua constante disponibilidade em atender gentilmente a meus pedidos de socorro e apoio, sempre carregados das saudades - como ela se refere comigo - do nosso Paulo.

### 13. REFERÊNCIAS

ARANTES, Aldo. Alma em fogo: memórias de um militante político. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2013, 492 p.

BACHELARD, Gaston. La formation de l'esprit scientifique : contribution a une psychanalyse de la connaissance objective. Paris: Vrin, 1970 [1938]. 257 p.

BASSO, Eliane Fátima Corti. Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira, Cadernos da Comunicação. Série Memória v. 21, Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro), 2008, 96 p. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101429/memoria21.pdf>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2020.

BELDA, Rogério. As novas bases do insustentável. São Paulo: ProEditores, 1996, 128 p.

CAMARGO, Maria Soares (org). Universidade e Compromisso Popular II – Seminário com Paulo Freire (coord.) seguido de palestra de Marcio D'Olne Campos sobre 'A Relação Universidade/Cidade Universitária/Cidade' [Mimeo]. Campinas (SP): PUC-Campinas, 1987. 63 p.

CAMPOS, Marcio D'Olne. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica. In CAMPOS, Marcio D'Olne

(Org.). Dossiê Sulear, Revista Interdisciplinar Sulear, Unidade Acadêmica Ibirité UEMG, Ano 2, n.2, p.10-35 (setembro /2019), Belo Horizonte, MG: EdUEMG, 2019, p.180. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

CAMPOS, Marcio D'Olne. A cosmologia dos Caiapós. *In: Etnoastronomia*, Scientific American Brasil. São Paulo, v.14, p. 62-71, 2006. Disponível em <<http://sulear.com.br/texto11.pdf>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

CAMPOS, Marcio D'Olne; SANZ, Jaqueline. Antropologia Educacional (mimeo). Núcleo de Educação Aberta e à Distância/Centros Regionais de EAD (ne@ad/cre@ad) – UFES, Vitória. 2004. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/04/CAMPOS-MD-fasciculo-Antropologia-e-EAD.pdf>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

CAMPOS, Marcio D'Olne. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? *In: AMOROZO, Maria Christina de Mello; MING, Lin Chau; PEREIRA DA SILVA, Sandra Maria (eds.), Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste*. Rio Claro, SP, 29/11 a 1/12/2001. p. 47-92. Rio Claro: Coordenadoria da Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq. 2002. 204p. Disponível em <<http://sulear.com.br/texto02.pdf>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Saber mágico, saber empírico, e outros saberes na Ilha dos Búzios. *In* EULÁLIO, Alexandre (ed.) Caminhos Cruzados. Antropologia, linguagem e ciências naturais, p. 23-32. São Paulo: Brasiliense, 1982. Disponível em <<http://sulear.com.br/texto09.pdf>>. Acesso em 3 dez. 2019.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer, Petrópolis: Vozes, 2008. 352 p.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *In* Revista Brasileira de Educação. Nº 22, p. 89-100, jan./fev./mar./abr. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

CONFESS (Conselho Nacional de Serviço Social). Serviço Social, Memórias e Resistências contra a ditadura depoimentos. Brasília (DF), 2017, p. 148. Disponível em <<http://www.confess.org.br/arquivos/Livro-MemoriaseResistenciasContraDitadura.pdf>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

CORTELLA, Mario Sergio, A reconstrução da escola (A Educação Municipal em São Paulo de 1989 a 1991). *In* Em Aberto, Brasília, v.11, n.53, p. 54-63, jan./mar.1992. Disponível em <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1835/1806>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

DELIZOICOV, Demétrio. La educación en ciencias y la perspectiva de Paulo Freire. *In* ALEXANDRIA Revista de

Educação em Ciência e Tecnologia, v.1, n.2, p.37-62, jul., 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37486/28782>>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão, Petrópolis: Vozes, 1987 [1975]. 288 p.

FRANCHETTO, Bruna; CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Kuikuru: Interacción Cielo y Tierra en La Economía y en El Ritual. In HILDEBRAND, Elizabeth de Von y DE GREIFF, Jorge Arias. (orgs.). Etnoastronomias Americanas. Bogotá: Ediciones de la Universidad Nacional de Colombia, 1987, p. 255-266. Disponível em <<http://sulear.com.br/texto08.pdf>>. Acesso em 3 de dezembro de 2019.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: uma história de vida. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006. 665 p.

FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). Pedagogia dos sonhos possíveis: Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2001, p. 301.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 36ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007 [1997]. 148p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 1ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 166p.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 246 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 [1974]. 222p.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 89p.

FREIRE, Paulo, BETTO, Frei. *Essa escola chamada Vida. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1998. 96p.

FREIRE, Paulo; CAMPOS, Marcio D'Oliveira. *Leitura da Palavra... Leitura do Mundo*. In o *CORREIO da UNESCO*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 4-9, fev. 1991. Disponível em <<http://sulear.com.br/texto06.pdf>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sergio. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 248 p.

FREIRE Paulo; SCHOR, Ira. *Medo e Ousadia: O cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 224p.

GEERTZ, Clifford. *Estar Lá, Escrever Aqui*. *Diálogo*, v.3, n.33, p.58-63, 1989.

GONDIM, Maria Stela da Costa. A história de um bordado: saberes populares como temas geradores de uma educação CTS na formação de professores de química. 2019. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

HAMÚ, Denise (org.), POSEY, Darrell A. A Ciência dos Mebêngôkre. Alternativas contra a destruição. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG), 1987. Disponível em <<http://www.sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/04/CAT-Ciencia-dos-Mebengokre-Goeldi-1987.pdf>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

HORA, Abelardo da. Depoimento reproduzido de memorial do MCP [Movimento Cultural Popular]. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, maio 1986, p.13-18. Disponível em <<http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/dabelardo.pdf>>. Acesso em 3 de dezembro de 2019.

LEVY, Henrique. Os acordos do campo de Miguel Arraes: Notas sobre alianças de classe na história contemporânea. *In* CLIO - Revista Pesquisa Histórica, v.10, n.1, p.123-132, jan-dez 1987. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24593/19871>> Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

LÖWY, Michael. O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo / Expressão Popular, 2016. 256p. Disponível em

<<http://redept.org/uploads/biblioteca/cristianismo-web.pdf>>.  
Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri (org). Centro Sérgio Buarque de Holanda: Guia de Acervo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. 248 p. Disponível em <[http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/guia\\_CSBH.pdf](http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/guia_CSBH.pdf)>.  
Acesso em 12 de dezembro de 2019.

MESQUIDA, Peri; PEROZA, Juliano; AKKARI, Abdeljalil. A contribuição de Paulo Freire à educação na África: uma proposta de descolonização da escola. *In: Educação & Sociedade*, v.35, n.126, p. 95-110, 2014. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302014000100006>>  
Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

MESQUIDA, Peri. O diálogo de Illich e Freire em torno da educação para uma nova sociedade. *In: Contrapontos*, v.7, n.3, p.549-563. Itajaí, set./dez. 2007.

MIGNE, Jean. Les obstacles épistémologiques à la formation des concepts. *In: Education Permanente*, v.2, n.119, p.101-124. 1994.

OLIVEIRA, Lucia Maria Lippi; PANDOLFI, Dulce Chaves. Fora de ordem: viagens de Rubem César. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. 264p.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib (org.). Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública. São Paulo: Loyola, 1993. 258p.

PORTO, Maria das Dores Paiva de Oliveira; LAGE, Iveline Lucena da Costa. CEPLAR, história de um sonho coletivo; uma experiência de educação popular na Paraíba destruída pelo golpe de estado de 1964. João Pessoa: Conselho Estadual de Educação, Secretaria da Educação e Cultura, 1995. 208p. Disponível em <<http://forumeja.org.br/df/files/livro.ceplar.pdf>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2020.

RIBEIRO, Djamilia. O que é lugar de fala? Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

ROCHA André Santos da. Cartografia e geopolítica das relações sul-sul: sobre a cooperação técnica Brasil-África. In: *Confins* [En ligne], 39, 2019. Disponível em <<http://journals.openedition.org/confins/17327>>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.17327>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

SIQUEIRA, Luciana Gama de. Cidade universitária: Urbanismo, fronteiras disciplinares e cidadania [Mimeo]. Relatório de Iniciação Científica na Graduação em Ciências Sociais. Orientador: Marcio D'Oliveira Campos. Campinas: UNICAMP, 1996. Disponível em <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/02/SIQUEIRA-Luciana-G-de-Cidade-Univ-Urbanismo.pdf>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2020.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade, Rio de Janeiro: Ponteio; Educam, 2015. 504 p.

SOUZA Luiz Alberto Gómez de; SOUZA Herbert José de. Cristianismo hoje. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Universitária da UNE, 1963. 120 p.

SPIGOLON, Nima Imaculada. Pedagogia da convivência: Elza Freire - uma vida que faz educação, Campinas: Paco Editorial, 2016, 256 p.

STEADMAN, Philip. Samuel Bentham's Panopticon. *Journal of Bentham Studies*, 2012, 14(1): 2, pp. 1–30. Disponível em <<https://doi.org/10.14324/111.2045-757X.044>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2020.

TOLEDO, Cléo, CAMPOS, Marcio D’Oliveira. A Ecologia de Cada Dia, Educação Ambiental, 1o. Grau. São Paulo, SP: Saraiva, 1991. 43 p. Disponível em <<http://sulear.com.br/texto07.pdf>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2020.